

BLIMUNDA



JORGE AMADO 100 ANOS

Textos de Luiz Schwarcz, Carlos Reis, Lilia Schwarcz,
Pilar del Río e José Saramago

LIVRO INFANTIL E PROMOÇÃO DA LEITURA

A morte dos pais na literatura juvenil
A recepção da obra *O Gato Malhado* e *a Andorinha Sinhá*
nas escolas portuguesas

SARAMAGUIANA

O cão, personagem dos romances de José Saramago

BLIMUNDA

#3 AGOSTO 2012

Diretor: Sérgio Machado Letria

Edição/Redação: Andreia Brites, Sara Figueiredo Costa

Paginação: Fundação José Saramago

Fundação José Saramago Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoiros, 10 | 100-135 Lisboa - Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC - 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons, exceto os assinalados com ©

Jorge Amado, cem anos de vida vivida

Não se comemora o centenário de um escritor, celebram-se os cem anos de vida de um ser humano que a qualquer momento pode aparecer numa esquina, com uma camisa branca, ou talvez de flores, com um gesto tão aberto que nele podem continuar a refugiar-se gerações de pessoas, com uma incorruptível amizade, a mesma que o fez cruzar um século sempre acompanhado, tão confortável na sua pele como na sua relação com outros, sempre seus semelhantes. Porque Jorge Amado era dessa estirpe “graças a Deus”, como diria Zélia Gattai quando se definiu a si mesma como anarquista por influência divina.

Jorge Amado e José Saramago poderiam ter tido uma relação mais dilatada no tempo. Teria bastado que Saramago desse o pequeno passo que o aproximaria do grande escritor brasileiro num tempo em que o mundo era jovem, mas o sentido do respeito devido ao mestre levou a que o português seguisse o seu caminho e esperasse que um dia, talvez, acontecesse o que tivesse de acontecer. E assim foi. Saramago não se mostrou perante Jorge Amado de mãos vazias, quando chegou à sua presença e amizade levava – simbolicamente, claro – uns quantos livros que justificavam que ambos se encontrassem e se tratassem por tu. Puderam fazê-lo, fizeram-no e profundamente, porque se a relação entre o escritor da Bahía e o do Ribatejo não abarcou mais de uma década, foi suficientemente intensa para que se contassem medos e projetos, sonhos por realizar, aventuras que ficariam por viver e outras bebidas até à última gota. Os dois escritores conversaram sobre política e paixões, dificuldades e logros, por vezes com picardia, por vezes com uma seriedade quase doutoral que rematavam com uma gargalhada, e daque-

las conversas ficam ecos que alguns amigos de vez em quando recompõem aos pedaços. Que pena que a grande Zélia Gattai não esteja aqui para documentar, com a sua prosa fresca e lúcida, aqueles encontros na Bahía, em Paris, Roma, Madrid e Lisboa, aquelas viagens pela Galiza ou pelo norte de Itália, aqueles projetos de contruir pontes sobre rios e mares, sobre oceanos, talvez entre planetas se ali existir o cheiro a canela, que é o cheiro da vida que eles tanto amaram, os três, Jorge e Zélia, José.

Começa agora o ano de Brasil-Portugal. A Fundação José Saramago entra em pleno nesta aproximação porque nasceu também para isso. Celebrar os anos de Jorge Amado no seu dia, no seu mês, é o primeiro passo. Depois virão outras atividades em que se irá contando que os seres humanos não passam, ficam, são imortais enquanto haja quem os recorde e festeje. Com dignidade, lucidez e emoção.

No enterro de José Saramago recordou-se Jorge Amado, o momento em que o avião em que o casal Amado-Gattai viajava teve de fazer uma aterragem de emergência. Então, Jorge, que tinha pânico de voar, pôs-se a pedir aos gritos o jornal, ante o espanto de Zélia: “Mas Jorge, vamos morrer e tu pões-te a pedir o jornal?” “Queres que morra sem saber o que passa no mundo?”, foi a resposta do marido. Pois se no enterro de José Saramago se recordou esse facto para dizer que no mundo, segundo os jornais, o que se havia passado era que tinha morrido um homem bom, um imprescindível, hoje pode acrescentar-se que os meios de comunicação, as livrarias, as bibliotecas contam nestes dias de agosto que um grande escritor está em festa de aniversário e nós com ele. Que não se foi, por isso, contrariando o jornal mexicano La Jornada que escreveu em manchete quando o escritor do Brasil morreu “Adiós, Amado”, hoje, na Fundação José Saramago o que dizemos, e connosco os que visitam a exposição e leem os seus livros é “Olá, Amado”.

Pilar del Río

Leituras do mês

Blog Centenário de Jorge Amado (Companhia das Letras)



Espaço promocional e de divulgação, o blog da editora brasileira Companhia das Letras nunca se limitou a ser uma montra dos livros publicados por aquela chancela, oferecendo textos, imagens e outros conteúdos de interesse, muitos deles criados propositadamente para aquele espaço. Agora, a editora que desde 2008 tem reeditado a obra completa de Jorge Amado criou um blog para acompanhar as comemorações do centenário do nascimento do escritor baiano. As entradas incluem um texto de Mía Couto sobre a influência de Jorge Amado na literatura africana de língua portuguesa, leituras de *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, depoimentos de escritores brasileiros e a reação de Caetano Veloso à notícia da morte do escritor, em agosto de 2001, no final de um concerto. O blog vai acompanhar a programação do centenário de Jorge Amado, destacando atividades em diferentes cidades brasileiras e oferecendo aos leitores conteúdos diversos, quer sobre a vida e a obra do autor, quer sobre a sua influência na obra de outros criadores.

<http://blog.jorgeamado.com.br/>

Lucero Amador-Miranda, “Chavela Vargas: con personalidad única”, *La Opinión*

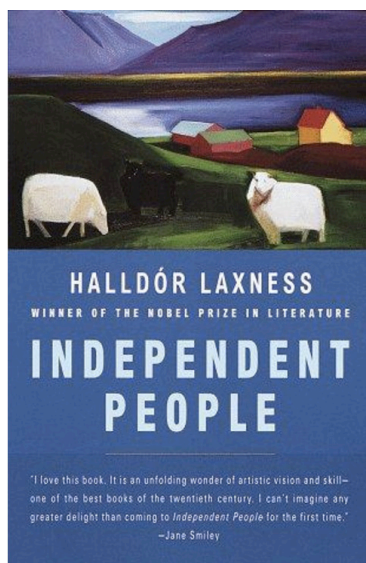


No jornal *La Opinión*, Lucero Amador-Miranda assina uma nota biográfica que é também um longo elogio a Chavela Vargas, recentemente falecida, destacando a força, o gênio e a imponência da cantora mexicana. Nascida na Costa Rica, Chavela Vargas chegou ao México com 17 anos tornando-se uma das referências culturais mais fortes do seu país de adoção – que chorou a morte da cantora com a certeza de que a pátria, esse conceito tão difícil de definir, nem sempre depende do lugar onde se nasce. Amador-Miranda lembra a força de Chavela Vargas, não só na música, onde a sua voz rouca e uma força emocional imensa fizeram história, mas igualmente na

sociedade mexicana, pouco habituada, na época em que Chavela começou a tornar-se conhecida, a mulheres que não pediam licença para viver com quem quisessem, para fumar e beber quando lhes apetecesse, para ombrearem de igual para igual com as grandes figuras da arte e da cultura do seu tempo. *La Chamana* calou-se aos 93 anos, deixando uma obra que não deixará de se ouvir, no México e no mundo.

http://www.laopinion.com/Chavela_Vargas_con_personalidad_unica

Luis Matías López, “Equipaje literario para Islandia”, *El Ojo y la Lupa*



Num dos blogs do jornal espanhol Publico, *El Ojo y la Lupa*, Luis Matías López traça um panorama possível para conhecer a literatura islandesa, dos seus testemunhos mais antigos até aos romances recentemente publicados. Das míticas sagas medievais a Halldór Laxness, passando pelo romance negro e por alguns marcos da contemporaneidade, o artigo de Matías López apresenta-se com uma espécie de guia prévio para os apreciadores de livros que queiram iniciar-se na compreensão do país que sobreviveu à banca rota sem impor a austeridade cega, negando-se a pagar uma dívida contraída pela banca, responsabilizando os governantes que não souberam gerir a coisa pública e elegendo um comité de cidadãos para reformular a constituição. Em 2011, a Islândia foi o país convidado da Feira de Frankfurt, mostrando ao mundo da edição os muitos tesouros literários escondidos pelo isolamento e pelas diferenças linguísticas. Se a literatura é uma das melhores formas de conhecer

um povo, a escolha de Matías López pode ser um bom ponto de partida para chegar à ilha das auro-ras boreais.

<http://blogs.publico.es/luis-matias-lopez/>

Alejandro Flores, “El futuro del libro está en lo independiente”, *El Economista*

No seguimento da Feria del Libro Independiente que decorreu em junho na Cidade do México, na livraria Rosario Castellanos (Fondo de Cultura Económica), o escritor e jornalista mexicano J. M. Servín falou com Alejandro Flores, do jornal *El Economista*, sobre o tema recorrente do futuro do livro. Acreditando que os suportes impressos e os digitais não são antagónicos, Servín destaca como grande tendência para o futuro as editoras e os espaços independentes, mais atentos a estilos e linhas editoriais do que a voragem das novidades e capazes de assegurarem a publicação de autores e conteúdos que os grandes grupos editoriais nem sempre sabem descobrir. E apesar de se afirmar como um adepto da “era Gutenberg”; Servín acredita no potencial do meio digital para a publicação, entre outras coisas, do chamado jornalismo literário, um género que os jornais e as revistas em papel nem sempre sabem como acolher e que o meio digital, por não ter de se restringir a um determinado número de páginas ou caracteres, pode publicar sem limitações.



<http://eleconomista.com.mx/entretenimiento/2012/07/04/futuro-libro-lo-independiente-j-m-servin>

Afonso Cruz
Jesus Cristo Bebia Cerveja
Alfaguara

O título do mais recente romance de Afonso Cruz pode soar a bestseller forçado, daqueles que invocam dados bíblicos ao acaso e alguns misticismos de trazer por casa para se anunciarem como capazes de esclarecer os grandes mistérios da humanidade. Nada mais afastado da essência deste romance, uma narrativa sobre a transformação e sobre o modo como aquilo a que chamamos realidade pode ser o resultado da nossa própria intervenção no mundo.

Numa aldeia do Alentejo, uma mulher aproxima-se da demência que inevitavelmente anuncia a sua morte. O seu maior desejo, visitar a Terra Santa, torna-se missão a cumprir pela sua neta, Rosa, que convencerá uma milionária excêntrica, um professor e vários outros personagens – cuja presença se acompanha desde o início, mas cuja existência parece convergir para o cumprimento deste desejo – a encenar este lugar em pleno Alentejo. É nessa encenação que se desvenda o título do livro, apresentando-se como lógica a teoria de que o líquido presente na Última Ceia seria a cerveja, e não o vinho, já que essa era a bebida mais comum no espaço geográfico habitado e percorrido por

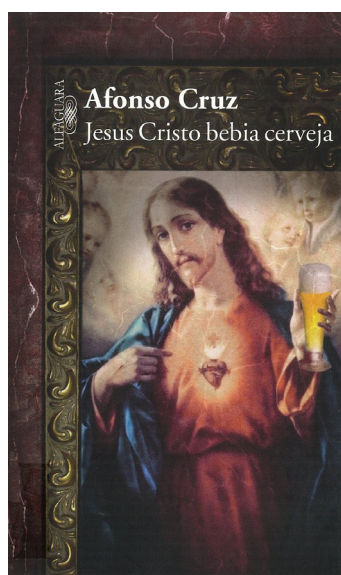
Cristo. Não há, portanto, vestígio de teorias da conspiração bíblica, ou de seitas mais ou menos clandestinas que teriam escondido semelhante informação, mas antes uma reflexão profunda, informada e pontuada por parábolas e alguns momentos anedóticos sobre o modo como o quotidiano da humanidade se cria à medida dos seus gestos mais banais e igualmente sobre o modo como a religião, qualquer que ela seja, se liga primordialmente a esses gestos, sempre mais relacionados com a terra e a onnipotência dos elementos naturais do que com alguma arquitetura mental ou teológica prévia. E em cada passo dessa reflexão sobressai a já confirmada vocação de Afonso Cruz para a criação de personagens, lineares nas suas atitudes, mas sempre extremamente complexos no perfil psicológico, neste caso tornados ainda mais ricos pelo facto de se harmonizarem com a paisa-

gem envolvente de um modo muito intenso, revelando a sua profunda relação com a terra.

Se em *O Pintor Debaixo do Lava-Loiças*, romance anterior do autor, Afonso Cruz construía uma história a partir da reflexão sobre a linguagem como única forma de apreender e organizar o mundo, neste *Jesus Cristo Bebia Cerveja* essa reflexão estende-se para os domínios da religião, um modo muito particular de linguagem, e para o potencial de transformação de cada vida humana, à semelhança da cerveja, criada a partir da fermentação de um cereal.

Em anexo ao livro, num extratexto que não é apenas bónus editorial, o western intitulado *A Morte Não Ouve o Pianista* tem o deserto como narrador de uma história de amor envolvendo um pistoleiro, Harold Estefania, e Miss Grant, uma rapariga marcada para morrer. A sua relação com o romance passa pela referência a um dos muitos westerns lidos por Rosa, mas passa sobretudo pela presença do tempo como uma sucessão de efemeridades às quais só a memória e a sua partilha, quer sob a forma de histórias, quer pelos gestos rituais que compõem cada religião, dão sentido.

Sara Figueiredo Costa



JORGE AMADO 100 ANOS



Foto de Zélia Gattai / ©Fundação Casa de Jorge Amado

O primeiro autógrafo a gente nunca esquece

De como José Saramago contribuiu para a edição da obra de Jorge Amado na Companhia das Letras



Obras de Jorge Amado
expostas na Fundação José Saramago

Pedi meu primeiro autógrafo quando tinha entre sete e oito anos. Eu ainda cursava o primário, que é como chamávamos o que hoje se conhece por ensino fundamental 1, e o autógrafo não era para mim, e sim para a minha mãe. Na ocasião, meu melhor amigo se chamava Roberto Amado e era sobrinho do escritor que hoje, com grande orgulho, publico. Costumava passar muitas tardes da semana no apartamento do Roberto, na rua Itacolomy, ou numa linda casa no Pacaembu, jogando futebol com ele e seus primos: Pedro, João e Kiko Farkas. No prédio do Roberto costumávamos distribuir trotes: bilhetes escri-

tos rudimentarmente à mão, ou com colagens de letras tiradas das revistas Manchete e Cruzeiro, como se fôssemos ladrões avisando que os apartamentos em questão viriam a ser assaltados.

Essas foram nossas primeiras ficções – Roberto se transformaria em escritor, mas hoje não tenho notícia se continua escrevendo – epístolas, de gênero policial – talvez com a grande “originalidade” (sic) de avisar as vítimas previamente, tirando todo o suspense. Inacreditavelmente, um dos condôminos se assustou, ou apenas reclamou e levamos uma bela bronca da Fanny, mãe do Roberto, e interrompemos nossas promissoras carreiras literárias.

Lembro também da figura do escritor, de camisa florida e peito meio aberto, num terraço de inverno, assinando o livro para minha mãe e dando um tapinha no meu cocuruto.

Pois um belo dia, minha mãe soube que Jorge Amado estaria em São Paulo e me pediu que levasse um livro da sua predileção para que o grande escritor baiano o autografasse. Lembro bem desse dia, minha mãe me falando da importância de Jorge Amado e escolhendo um dos seus livros encadernados em couro marmorizado – todo livro que ela lia e gostava era encapado em lindas encadernações, que eu gostava de tocar e cheirar. Saí de casa com as devidas e repetidas recomendações: “cuidado, meu filho, isso é muito importante para mim”. Lembro também da figura do escritor, de camisa florida e peito meio aberto, num terraço de inverno, assinando o livro para minha mãe e dando um tapinha no meu cocuruto. Pode ser que construí essa imagem a partir das fotos de Jorge Amado que vi ao longo de muitos anos, misturadas à minha imaginação. Mas não importa, aprendi com a antropóloga que habita o meu coração que memórias também se constroem individual e socialmente e, se eu construí essa, sorte a minha, uai! (Infelizmente minha mãe perdeu o tal livro, ou emprestou-o a alguém que nunca o devolveu. Queria ter lido o autógrafo em público, no meu discurso, na festa de comemoração da publicação da obra de Jorge Amado pela Companhia das Letras).

Muitos, muitos anos depois do meu breve encontro infantil com Jorge Amado, já maduro e editor, quando Saramago ganhou o Prêmio Camões e veio recebê-lo no Brasil, fomos, Lili e eu, como penetras privilegiados, para Salvador, na semana de recepção que Jorge Amado e Zélia Gattai propiciaram para o futuro Prêmio Nobel da literatura. Por pouco não ficamos, os dois casais, hospedados na famosa casa do escritor, no bairro do Rio Vermelho. Um ataque de cupim nos surrupiou esse enorme privilégio. No entan-

to, o infortúnio trouxe uma pequena vantagem. Pelas regras da hospitalidade baiana, e ainda mais da amadiana, Jorge e Zélia encomendaram um almoço a cada dia, na casa de seus grandes amigos, ou melhor, na casa dos amigos que tinham as melhores cozinheiras, e cozinheiros, de Salvador. O primeiro almoço foi na casa de Caetano Veloso – seu irmão Rodrigo é grande chefe e preparou uma deliciosa feijoada baiana, muito diferente da que conhecemos no Sul. Além do mais, por coincidência, estávamos no dia da festa da entrega e a varanda da casa do compositor é o melhor ponto da cidade para acompanhar a linda procissão de barcos que zarpam, cheios de presentes à Yemanjá, em direção ao alto mar.

O almoço começou por volta de quatro da tarde e acabou quase às quatro da manhã. Durante grande parte da noite, Saramago e Lili ficaram dividindo o arquivo do que viria a ser o livro de memórias de Caetano, o Verdade Tropical, em várias partes. Caetano era neófito em computadores e livros e registrava suas memórias em um só arquivo.

Foi praticamente neste almoço que conheci Jorge e sua família, e com ele conversei boa parte do tempo, enquanto a Lili e o José fatiavam o texto do anfitrião. Eu havia contado a historinha do autógrafo para José antes de irmos à Bahia, quando ele me perguntou por que eu não editava a obra de Amado na Companhia. Respondi a José que adoraria que isso viesse a acontecer um dia, mas que também não nutria grandes esperanças.

Pois então, bem no meio do almoço, quando Jorge Amado e Zélia apenas começavam a me conhecer rudimentarmente, José performou a primeira e descarada aproximação entre nós, deixando a ambos, especialmente a mim, ruborizados.

“Jorge, você com certeza conhece a editora do Luiz, e ele me confessou que o seu grande sonho seria um dia publicá-lo, mas é tímido, nunca iria dizê-lo diretamente. Pois estou eu aqui a fazê-lo.

Você deveria publicar seus livros na Companhia das Letras”.

Acho que Saramago fez uma graça mencionando o autógrafo que pedi em nome da minha mãe, falou que minha vocação se originara desde então, o que só me deixou ainda mais vermelho. Jorge Amado agradeceu, fez gentilmente algum elogio à Companhia das Letras, mas com as sobancelhas apontadas para cima e suas mãos abertas para os lados deixou, simpaticamente, claro que isso não viria acontecer tão cedo.

O tapinha no cocuruto e aquele gesto com os olhos e com as mãos talvez tenham sido uma espécie de promessas dos deuses, um ato de sincretismo judaico baiano, prenúncio do grande presente que acabei recebendo dos orixás, principalmente de Oxóssi, o orixá de Jorge Amado, doze anos mais tarde. Foi ele, tenho certeza, que um dia me transformou em editor de Tenda dos Milagres e de tantos livros memoráveis. Obrigadoo, Oxóssi, Todá Rabá! Na semana que vem eu conto o resto.

Luiz Schwarcz
Editor da Companhia das Letras
e autor de *Linguagem de sinais*,
entre outros

Jorge Amado no espelho da história literária

1. Cem anos depois do nascimento de um escritor falamos da sua obra, mas também da imagem que dele foi sendo construída e que inevitavelmente interfere na sua posteridade. Porque é disso que se trata, de uma posteridade em lenta sedimentação.

Nascido há um século, desaparecido do número dos vivos há pouco mais de dez anos, Jorge Amado circula agora no limbo de indecisões e de ambiguidades de onde há de sair no tempo próprio, para ser um clássico, um autor do cânone ou tão só um escritor vagamente lembrado em histórias da literatura. Contra a rasura que persegue até mesmo os escritores que em vida tiveram divulgação universal (foi esse o caso de Amado), labutam instituições de variados formatos e intuitos: a Fundação Casa de Jorge Amado, destinada a preservar, a pesquisar e a divulgar o legado do patrono, milita em favor da valorização de um romancista condicionado por imagens de marca que às vezes atingem de forma perversa a fortuna *post mortem*, sobretudo no Brasil. O que parece estranho, mas pode ser comprovado.

Uma dessas imagens, bem viva no espírito e no projeto da fundação que leva o nome do autor de *Capitães da Areia*: a filiação baiana de parte importante do mundo ficcional de Jorge Amado traduz um selo de identidade que confina (se é que não se confunde) com um regionalismo que pode prejudicar a divulgação e a projeção de uma obra tão vasta como fiel às suas raízes; não foi assim no passado (até porque de Jorge Amado houve e há traduções e edições em mais de 50 países), mas pode ser assim no futuro. Tal acontecerá se for acentuada a visão que de Amado têm alguns intelectuais brasileiros que nele ressentem uma sobrecarga de tropicalismo e de exotismo nordestino. Outra imagem marcante, eventualmente já mais desvanecida do que a anterior, mas ainda forte no Brasil: a do militante comunista e galardoado na União Soviética

com o Prémio Estaline. Quem conhece os bastidores das reuniões do júri do Prémio Camões que em 1993 distinguiu Raquel de Queiroz sabe bem como foi violenta (o termo não é excessivo) a oposição da parte brasileira daquele júri ao nome de Jorge Amado, oposição explicitamente estribada em razões políticas e ideológicas. Assim mesmo. De tal modo que só no ano seguinte foi possível, com um júri recomposto, superar tais resistências e premiar Amado.



Jorge Amado com Lyon de Castro
© Coleção Zélia Gattai/ Fundação Casa de Jorge Amado

2.Alguma coisa do que fica dito, designadamente no que toca à componente ideológica, tem que ver com Portugal e com a imagem que de Jorge Amado aqui foi sendo revista e reformulada, ao longo de décadas. Como quem diz: o Jorge Amado dos anos 30, nos primórdios do neorrealismo português, não é o mesmo que, nos anos 60 e depois de anos de silêncio impostos pela censura, voltou a ser editado em Portugal pelo saudoso Lyon de Castro; muito menos é esse o das telenovelas da Globo, em especial a *Gabriela* de 1975 que, na sequência de uma primeira adaptação, pela TV Tupi, em 1960 (estrelada pela agora desconhecida Janete Volli), lançou no papel da protagonista uma sensual Sónia Braga que a Juliana Paes da versão atual tenta fazer esquecer. A mesma Sónia Braga seria estrela, em 1983, do filme *Gabriela*, de Jorge Barreto, onde contracenou nem mais nem menos do que com Marcello Mastroianni.

3. Muito antes, fora Jorge Amado lido e discutido em Portugal e mesmo, num certo contexto, admirado como modelo. Não falarei disso sem a este propósito citar um título interessante, *Navegação de Cabotagem* (1992), um grosso volume de memórias compostas de forma singular, com avanços e recuos temporais, sem outra aparente ordenação que não sejam as evocações desordenadas que vão chegando à cabeça do escritor. O subtítulo da obra é, deste ponto de vista, esclarecedor: “Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei”.

Num certo passo, o memorialista declara que o prémio maior da sua vida de escritor foi um jantar em Lisboa, em 1953, no aeroporto e em trânsito (Amado estava proibido de entrar em Portugal). “A foto do famoso jantar”, escreve, “publicada no livro de Álvaro Salema, foi reproduzida por José Carlos de Vasconcelos no *Jornal de Letras* de Lisboa: apareço sentado entre Ferreira de Castro e Maria Lamas, vê-se ao fundo o famigerado inspetor da PIDE, Rosa Casaco, envolvido depois no assassinato do general Delgado. Mário Dionísio, um dos presentes, recordou em artigo do mesmo *Jota* os detalhes daquela prova de amizade, de solidariedade, ação de luta contra o salazarismo no apogeu, quem a consideraria possível?” (edição Record, p. 255).

Em um só parágrafo, várias gerações de escritores, diferentes referências culturais e até um PIDE, tudo ficou na fotografia e tudo é lembrado quase quatro décadas depois. A significativa e frequente presença de Portugal em *Navegação de Cabotagem* (o diretor deste jornal é um dos seus dedicatários) justifica-se: Jorge Amado tinha lugar cativo na cena literária portuguesa desde os anos 30, quando o neorrealismo adotou escritores e textos do chamado realismo nordestino como exemplos a seguir, na escrita e no debate crítico. Graciliano Ramos, Lins do Rego, Amado (ainda bem jovem, note-se) e um já esquecido Amado Fontes (autor de um romance, *Os Corumbas*, diversas vezes mencionado pelos jovens neorrealistas) foram objeto de atenção e

de comentário crítico normalmente favorável, nas páginas d’*O Diabo* e do *Sol Nascente*.

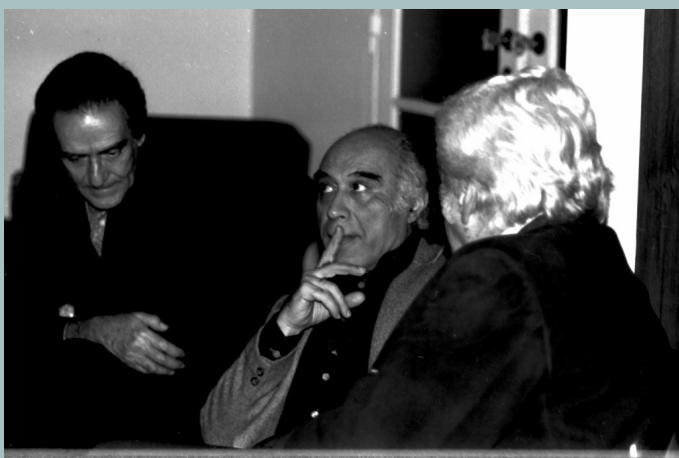
Com “imparcialidade e paixão”
(um binómio difícil de equilibrar)
Jorge Amado viveu, escreveu e
bateu-se por causas sociais,
em épocas políticas
agitadas e perigosas

No primeiro daqueles jornais, cuja relevância doutrinária é bem conhecida (recentemente Luís Augusto da Costa Dias mostrou isso mesmo numa tese de doutoramento sobre o neorrealismo), Mário Dionísio, então com pouco mais de 20 anos, disserta acerca do significado ideológico do romance enquanto género narrativo; o escritor que motiva a reflexão não é outro senão Jorge Amado (“A propósito de Jorge Amado”, *O Diabo*, 164, 1937). No número 43-44 (1940) do *Sol Nascente*, é Joaquim Namorado quem assina um texto quase entusiástico, com título sugestivo: “Do neorromantismo: o sentido heroico da vida na obra de Jorge Amado” (*Sol Nascente*, 43-44, 1940, pp. 22-23).

4. O Jorge Amado de que então se tratava era, evidentemente, o dos primeiros romances, em especial *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936) e *Capitães da Areia* (1937). Avultava neles a representação de personagens oprimidas, de cenários sociais violentamente injustos e de tensões interclassistas que o ideário socialista do romancista articulava com o imaginário baiano do candomblé, das crenças populares, do mar e dos pescadores.

Mesmo à medida que se vai suavizando na ficção de Amado a componente ideológica em favor da “mitologia” nordestina, jamais desaparece dela a preocupação com a denúncia da injustiça e do coronelismo que dominavam uma das regiões mais pobres do Brasil; os romances do ciclo do cacau, ou seja, o mencionado *Cacau* e também *Terras do Sem Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944) são disso provas vivas. Para o

romancista, tal como o diz em palavras insertas no pórtico do terceiro daqueles títulos, “este romance e o anterior, *Terras do Sem Fim*, formam uma única história: a das terras do cacau no sul da Bahia”. E acrescenta: “Nesses dois livros tentei fixar, com imparcialidade e paixão, o drama da economia cacaueira, a conquista da terra pelos coronéis feudais do princípio do século, a passagem das terras para as mãos ávidas dos exportadores nos dias de ontem” (cito a edição Dom Quixote; Obra Conjunta).



Jorge Amado com Fernando Namora
© Coleção Zélia Gattai/ Fundação Casa de Jorge Amado

Com “imparcialidade e paixão” (um binómio difícil de equilibrar) Jorge Amado viveu, escreveu e bateu-se por causas sociais, em épocas políticas agitadas e perigosas. Eleito deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro em 1945, Amado conheceu o exílio em períodos em que Getúlio Vargas, antes e depois daquele ano, dominou a conturbada vida política brasileira. Depois de deixar o Partido Comunista, em 1955 (curiosamente no ano anterior ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que causou forte abalo na fileiras comunistas em várias partes do mundo), Jorge Amado escreveu alguns dos seus romances mais populares, com destaque para *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) e *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1966).

Em ambos perpassa um tom de irrisão e de sátira que não desmancha o sentido crítico que neles predomina. Em *Dona Flor e Seus Dois Maridos* teve o romancista que se prevenir contra suspei-

tas que regularmente recaem sobre quem funda a ficção em “experiência e busca”; o que aconselha a prevenir o leitor: “nenhum vivente aqui, nesta obra de ficção, se encontra retratado” (do “Nariz de cera de amigos e xeretas”). Inverta-se, então, o ónus da tentação que leva a identificar pessoas reais com personagens ficcionais e fique o aviso: a responsabilidade da tal eventual identificação é de quem “anda por aí a parecer-se com figuras de romance como se isso fosse ocupação de gente séria”. Falta apenas um documento que vem reforçar a emancipação e a lógica de autonomia da ficção: um bilhete que dona Flor escreve ao romancista em tom coloquial, levantando a ponta do véu que cobre os segredos culinários e amorosos que o romance vai contar.

5. Os dramas humanos e sociais projetados pelo romancista nas ficções que foi escrevendo ao longo da sua vida literária enraizaram-se invariavelmente no conhecimento dos cenários representados. A fidelidade a eles decorre de uma outra fidelidade, neste caso a uma ética da escrita em que o observar e o escutar constituíram atitudes que Amado nunca deixou de realçar. Fê-lo na abertura de *Tereza Batista Cansada de Guerra* (1972), uma das suas obras mais populares, também graças à minissérie da Globo (de 1992): “Assim foi que andei assuntando, por aqui e por ali, nas feiras do sertão e na beira do cais e, com o tempo e a confiança, pouco a pouco puseram-me a par de enredos e tramas (...). Juntei quanto pude ouvir e entender (...). Assim mesmo: de quanto pôde ouvir e entender (e não foi pouca coisa) deu o escritor testemunho numa obra que tem a coerência de um trajeto vivido com a intensidade e com a autenticidade de que se fazem os grandes escritores. No seu tempo ou no tempo de quem o olha no espelho às vezes convexo da história literária.

Carlos Reis

**(Artigo originalmente publicado no
Jornal de Letras, Artes e Ideias)**

Jorge Amado

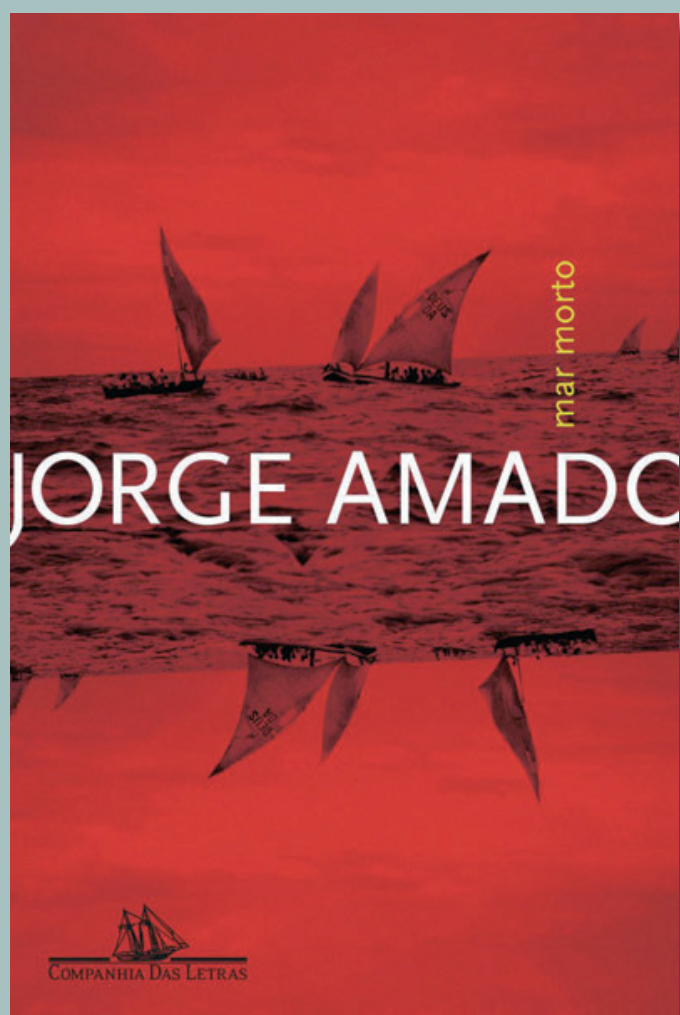
A fronteira entre ficção e não ficção mais se parece com uma ponte fácil de atravessar. Mais difícil é dizer quando começa a imaginação e onde termina a empiria, ou quando tudo não passa de relações de boa vizinhança. Se isso tudo é verdade, no caso de Jorge Amado esse limite tênue vira quase certeza. Suas personagens são todas retiradas de exemplos do cotidiano e baseadas nos amigos de primeira hora. Elas podem ser encontradas sem dificuldade no salão do sobrado, na delegacia, na casa de fazenda, no bote-quim e na rua. Quem de nós já não topou mais de um tipo, e até na própria família, que parecia pedir para entrar num romance de Jorge?

Por outro lado, os nomes de pessoas e lugares que nasceram dos livros de Jorge Amado hoje viraram logradouros conhecidos, sobretudo na Bahia. Assim, ninguém sabe dizer onde começa o mito e quando termina a realidade, e nem vale a pena tentar deslindar.

E isso em grande parte porque as personagens de Jorge não apenas possuem feições, gestos e modos de falar próprios, mas também biografias e mais completas do que as de muitas figuras históricas, e porque em seus enredos se entrecruzam a invenção, a observação e a memória. Ele recria o existente, faz do real ficção. E vice-versa. Passa, portanto, por aquele teste que singulariza os grandes romancistas, os romancistas realmente grandes: faz emergir do mundo das palavras personagens que não se apartam de nossa memória e de nosso convívio. Saem de seus livros e ficam conosco.

Jorge Amado é também uma espécie de divulgador de uma determinada maneira de interpretar o Brasil. Numa época em que a mistura de raças era entendida como um grande problema, já nosso autor, nas obras que foi criando, se transformou num grande defensor da mestiçagem. E não só da cultural. Jorge, sem descuidar

dos brancos e dos negros, tinha especial carinho pelos mulatos, cafuzos, caboclos e mestiços indefinidos. A sua Bahia é antes de tudo lugar de confluência, onde indivíduos vindos de todas as partes do mundo não só se acotovelam, se confundem e se transformam em baianos, mas também se casam fora de seu grupo. Mas não se imagine que aqui mestiçagem é sinônimo de integração e da falta de conflito. Ao contrário, por aqui inclusão combina com exclusão social e um mundo complexo toma forma a partir do conjunto de seus vários livros.



Não por acaso, em sua obra, se torna nítida a percepção de Salvador como, ao mesmo tempo, a mais portuguesa e a mais africana das nossas cidades. Para ele, a mais brasileira, e não só por sua lusitanidade, negritude e mestiçagem, mas por vários outros importantes motivos, entre os quais se destaca o amor pela festa. A exaltação da festa percorre, implícita ou explicitamente, toda

a obra de Jorge Amado. A festa surge como uma espécie de ritual a congregar diferentes grupos, que suprimem, mesmo que por momentos contingentes, suas diferenças sociais. Nesse espaço da festa, comungam o catolicismo com os rituais do candomblé, a festa profana com a festa sacra, as comemorações de rua com as celebrações de dentro de casa, os espaços públicos com os privados. Porém, nesse grande ambiente o grande mote é a própria Bahia ou, melhor, uma certa habilidade que aparece como exemplo de mistura e de convivência de grupos, no melhor e único dos sentidos.

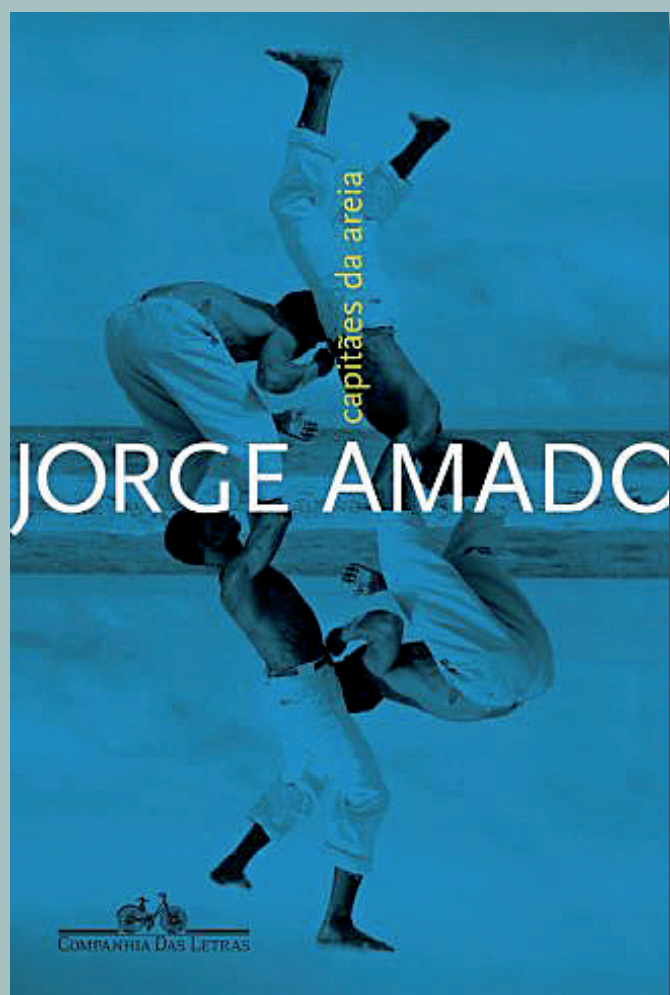
Nesses tempos atuais, em que novamente o tema da exclusão social anda na pauta do dia, a obra de Jorge Amado surge como um alento a lembrar uma determinada forma de convivência que, sem ser uma democracia racial, sempre aspirou por ela. É certo que nos livros de Jorge a violência do paternalismo, do compadrio, dos meninos sem lar, da falta de recursos aparece de maneira direta e sem concessões. No entanto, transparece também uma maneira singular de convivência cultural, que não significa o final das hierarquias ou da desigualdade, mas sinaliza para certas estruturas, as quais, marcadas pelo tempo, insistem em reaparecer.

Seus romances falam de tempos em que não se afastavam os pobres para a periferia e os morros das cidades, em que as portas-e-janelas e até mesmo as choupanas se erguiam lado a lado das moradas-inteiras, dos sobrados e dos casarões em centro de jardim. Por outro lado, os seus habitantes não só se cumprimentavam, mas se conheciam e muitas vezes compartilhavam as tristezas e as alegrias. Aí está o universo dos romances de Jorge Amado, nos quais, a despeito da tensão presente, transparece uma alegria que transborda das mais diferentes e inusitadas situações. Talvez porque, no mundo de Jorge, os deuses, que se misturam conosco e chegam em certos momentos a nos dar o braço, sabem fazer passar pela urdidura da injustiça, da mágoa e da pobreza a trama da festa e da alegria.

O que temos é, assim, uma obra marcada pela ambivalência, que, antes de se mostrar contraditória, chama pela reflexão. Violência convive com cordialidade, alegria com tensão, liberdade com cerceamento, riqueza com indigência.

Qualquer vida é feita de muitos pedaços, nem sempre harmoniosos. Nos livros de Jorge Amado ela surge tensa e repleta de ambigüidades. E talvez por isso incomode e leve ao contínuo diálogo. Não há receita fácil na literatura dele, e um mundo distante do dia-a-dia de muitos de nós (repleto de termos estranhos retirados dos lugarejos do interior da Bahia e de situações por vezes inusitadas) acaba sendo percebido como próximo e identificado. Nosso autor é mesmo um grande mago que faz do longe, perto; e do estranho, familiar.

Lilia Schwarcz
Editora da obra de Jorge Amado
na Companhia das Letras



Diário de Viagem

1 de fevereiro

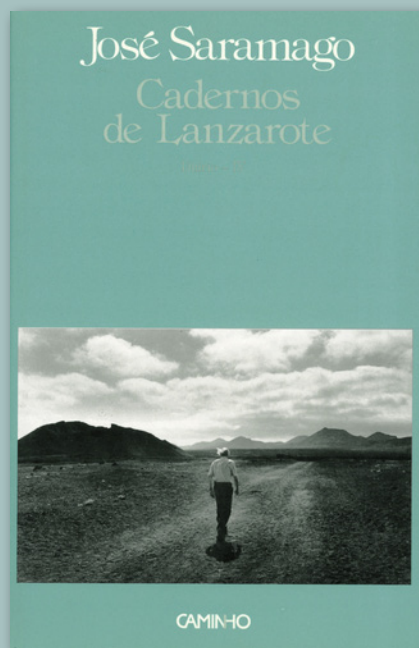
Diário de viagem de Pilar:

Se se quiser sobreviver em Salvador da Bahia, o melhor é não ir jantar com Caetano Veloso, porque até as pedras das ruas, como se não fossem suficientes as multidões (benditas multidões) que as povoam, querem saudá-lo. Caetano não assina autógrafos, dá beijos. Nunca na minha vida vi tantas caras unindo-se num trajeto tão curto, desde o automóvel ao restaurante. Lili, Luiz, José e eu assistimos maravilhados ao carinho da gente por um dos seus. E ao carinho de Caetano, que não perdia a paciência nem o sorriso, por quem também seu era.

Assim começados, os dias da Bahia prometem coisas boas. Pergunto-me até onde chegará esta espiral de afeto e simpatia que respiramos desde que o avião aterrou.

A propósito, não quero esquecer-me de falar a um médico (Lili diz que é melhor uma bruxa...) acerca do estranho fenómeno que experimentei mal tinha descido do avião. Senti como se me tivessem disparado lume nas costas. Ninguém viu nem sentiu nada especial, mas durante mais de um minuto as minhas costas queimavam (au-

tocombustão?...) e todos o puderam comprovar pelo tempo que conseguiam manter nelas a mão.



2 de fevereiro

Diário de viagem de Pilar:

Iemanjá. Nunca tinha ouvido esta palavra, mas a partir de agora integro-a na minha lista particular de festas populares, celebrações com raízes remotas repetidas por gerações de homens e mulheres que se reconhecem no rito, no seu passado e na sua terra. Ou na sua água, como neste caso. Iemanjá é o nome da deusa do mar. Todos os anos, no seu dia, os pescadores, os habitantes de Salvador lhe entregam presentes, oferecidos, ao longo do dia, por aqueles que querem somar-se à tradição. Ao cair da tarde, forma-se uma procissão de barcos que, ordenadamente, navegam até um ponto determinado, mar dentro, onde se realiza a

oferenda — lentamente, os presentes são atirados às águas, enquanto soam músicas nos barcos e na costa, outro mar, de gente neste caso, que não pôde embarcar. Há que ter cuidado para que as águas não devolvam os presentes, porque seria sinal de Iemanjá não ter gostado deles, e isso não pressagiaria nada de bom... Seguimos a festa do terraço de Caetano Veloso, que está sobre o mar, no ponto em que a procissão de barcos gira para alcançar o lugar exato da cerimónia. Partilhámos o dia desde a manhã até à noite (porque as festas na Bahia são tão longas como as da Andaluzia) com Caetano e Paula, sua mulher, com Jorge e Zélia, com Luiz e Lili, com Gilberto Gil, com os irmãos de Caetano, com Gilda, a viúva de Vinicius de Moraes, com Paloma, com tantos amigos tão novos e, apesar disso, já tão íntimos. Em nenhum momento a reunião teve esse «toque de sociedade» que perverte os encontros. Ali não havia impostura. Ou pelo jeito dos Veloso, ou pelo carácter dos baianos, em pouco tempo estávamos todos fazendo confidências, em grupos que se faziam e desfaziam para continuar na mesma linha de natural afetividade. Até José, pouco dado a reuniões grandes, que em situações como esta mais parece um cão perdido, estive à vontade, descontraído, deixando correr o tempo, sem experimentar a terrível sensação de perda irreparável que tantas vezes, em

ocasiões assim, se apodera dele. Ao fim da tarde, sentámo-nos a ver o programa de televisão que sobre Jorge Amado, a sua vida e a sua obra, se fez para a série «Artes e Letras». Magnífico e esclarecedor, segundo a opinião geral. Falando agora de generalidades: toda a gente, tanto na casa como nas ruas, ia vestida de branco, como manda a tradição. Todos menos José e eu, que não o sabíamos. Metade de José ainda se salvava porque levava uma camiseta branca, mas eu, totalmente vestida de azul, parecia uma barata no meio de tanta alvura. Iemanjá ter-me-á perdoado, porque os deuses, sobretudo as deusas-sereias, ao contrário das leis humanas, desculpam os ignorantes de boa fé.

3 de fevereiro

Diário de viagem de Pilar:

Antes que Jorge Amado e Zélia nos recolhessem para mostrar-nos a sua casa, fechada nestes dias por culpa de uma praga de cupim que afeta a estrutura da construção, passámos, como bons turistas, pelo Mercado Moderno, dois andares completos de ofertas autóctones, para impaciência de José e delícia de Lili e de quem isto escreve.

José, fiel ao seu gosto, comprou uns bonecos de barro, Lili e eu, infieis por excelência (em matéria de compras, entenda-se), lançámo-nos com voracidade às lojinhas de rendas, chapéus

de palha, vestidos enrugados, à maneira da Bahia, sandálias feitas à mão... Ternas futilidades para os amigos, que agora vamos ter que levar durante o resto da viagem. Com os vendedores falámos tanto, de política, de música, de futebol, que, em alguns casos, para assombro dos nossos maridos, acabávamos despedindo-nos com beijos na face, como se fôssemos velhos camaradas.

Assim são as coisas nesta parte do mundo, onde o importante não é o que se vende e o que se compra, mas sim sabermos-nos vivos, ao menos por hoje, donos absolutos do tempo, e este tempo empregado na festa que é a conversação e a comunicação humana.

A casa do Rio Vermelho, que começou por ser o cenário onde se desenrolaria parte da vida dos protagonistas Zélia e Jorge, erigiu-se em estrela de si mesma, estrela de carácter, capaz de subtilezas e matizes, suave, forte e poderosa como os seus habitantes. Rodeia-a uma pequena selva domesticada, minúscula se a compararmos com a Amazónia, mas imensa para os nossos europeus e surpreendidos olhos. Algumas árvores já ali estavam, outras foram plantadas pelo casal, mais por Zélia, que tem as mãos com que todos os jardineiros sonham, transmissoras de energia e entusiasmo. Mais além a casa, a gruta do tesouro, quadros e esculturas trazidos dos cinco continentes, mistu-

radas as melhores assinaturas com o anonimato de um enternecedor artesão de aldeia. A entrada da casa está presidida por uma grande e sensual Iemanjá, suspensa no alto, quase tocando o teto, porque no reino dos Amado as sereias voam e os pássaros olham-nos, serenamente, do fundo das águas. Zélia, no seu próximo livro, vai contar as histórias desta casa, os encontros de amigos, as tertúlias, o ir e vir de tanta gente que, como nós, quis aproximar-se dos amigos (os escritores queridos fazem parte do nosso imaginário afetivo) que ali vivem.

Contará Zélia as anedotas geradas pela passagem de tanta gente, como naquele dia em que surpreendeu uma turista encostada à sua cama, e o marido, pobre dele, a fotografá-la... «É que o meu sonho era dormir na cama de Jorge Amado», disse, numa inábil desculpa, tendo em conta a pessoa a quem estava descobrindo o «adultério», não, por imaginário, menos real e continuado.

Por trás da casa, num pavilhão separado, estão o escritório e a biblioteca onde se guardam primeiras edições de livros que são parte da história do Brasil e da Literatura, e traduções para mais de cinquenta idiomas que tornaram possível que a este homem — e também a Zélia — os possam ler em qualquer canto do planeta. Na realidade, neste escritório só trabalham a secretária e o fax. Zélia tem uma



mesita no seu quarto, e ali, rodeada de toda a sua intimidade, desvela-se a si mesma — e Jorge só escreve em Paris, aqui não o deixariam, nem ele poderia: o espetáculo que se mostra aos seus olhos, o mar, as árvores que se veem crescer, e esta terra tantas vezes contada, são uma tentação irresistível. Menos mal que nos resta Paris, pode o escritor dizer, parafraseando o Bogard de Casablanca, menos mal que existe Paris, dizemos nós, os seus leitores.

A Fundação Jorge Amado está no Pelourinho, zona de Salvador considerada património da Humanidade pela UNESCO, paisagem dos livros de Amado. Está ainda em organização, mas cedo será uma espécie de Casa do Povo da Bahia, uma casa de cultura para investigadores, leitores e escritores. Dali irradiará, não só a obra de um escritor mas também a forma de estar na vida de uma gente concreta,

com as suas luzes e as suas sombras, as suas peculiaridades, as suas grandezas e as suas frustrações. A gente que Jorge Amado descreveu e animou, tornando-a, desta forma, duplamente verdadeira.

«Senhor, senhor, quer que lhe mostre a casa de um escritor muito famoso que nasceu em 1500?», disse um dia um garoto a Jorge Amado, enquanto, impaciente, o puxava pela manga da camisa para o levar à Fundação...

Nesse momento, mais do que nunca, o escritor deve ter sentido a desolação de não se pertencer e a alegria de saber-se instalado no imaginário de um povo que elabora, partindo da realidade, passo a passo, os perfis da lenda.

Almoçámos perto do Pelourinho, na Casa de Dadá, um dos restaurantes preferidos dos nossos amigos. Já lá estavam Caribé, o pintor, e sua mulher, os

encarregados da Fundação, os filhos de Zélia e Jorge, entre outras pessoas. Enquanto esperávamos (na Bahia sempre se espera, mas não importa) o banquete prometido, Caribé pôs-se a rabiscar numa toalha, que, claro está, guardarei para sempre.

Escreveu Caribé por baixo de um desenho de Dadá: «Não é possível que o Saramago que soltou a Península Ibérica passe fome aqui», e todos os comensais assinaram, unindo-se ao divertido protesto. Apesar de um indiscreto rasgão e das manchas de comida, esta toalha é uma joia.

O dia terminou em Santo Amaro, onde, como diziam os autocolantes que as pessoas levavam e que conservamos, «vi e ouvi Caetano em Santo Amaro». Há uns anos, José e eu ouvimos Miguel Ríos em Granada: «Volto a Granada, volto ao meu lar», cantava o roqueiro, e o som (todo ele) era tão cálido, tão de dentro, que José escreveu um artigo para o Diário 16, intitulado «Alegria do português que foi a Granada», em clara alusão à canção de Miguel Ríos, de regresso à sua terra, e a Rafael Alberti, que escreveu, quando do assassinio de Lorca, aquele memorável poema que se chama «Nunca Fui a Granada».

Em Santo Amaro repetiram-se aquelas emoções.

Cantava Caetano Veloso no lu-

gar onde nasceu, na praça de uma cidade em festa. Esperavam-no os seus, a sua imensa família, as pedras das ruas, também aqui animadas, e as janelas das casas, todas elas repletas de ansiosos ouvintes de Caetano. E dos amigos de Caetano, porque o artista, como oferta de surpresa, apresentou os seus amigos, Gilberto Gil entre eles, que contribuíram, com os seus diferentes ritmos, para tornar maior a noite. A um lado do palco, majestosa, uma anciã de cabelo branco recolhido permanecia, elegantemente sentada, atenta aos músicos e aos espectadores. Olhávamo-la hipnotizados. Era Dona Cadó, a mãe de Caetano, um pouco a mãe de Santo Amaro, animadora de todas as caridades, confiante de penas (as alegrias apregoam-se) e distribuidora da porção de paz de que todos precisamos para poder sobreviver. Também é uma excelente cozinheira, mas aqui «faltalhe» a generosidade: ela, que dá de comer a quem tem ne-

cessidade ou a quem procura o prazer do gosto, emudece quando se lhe fala de revelar os seus segredos culinários. Muitas editoras brasileiras lhe pediram que escreva as suas receitas, mesmo os seus próprios filhos, todos magníficos gastrónomos, desconhecem o toque mágico que cada prato cozinhado por Dona Cadó encerra.

Eu creio que o elixir da sabedoria, na cozinha como na vida, é a generosidade. Talvez por isso ela não possa revelar nada: os pratos, simplesmente, saem-lhe assim, porque os faz para outros, com amor.

4 de fevereiro

Diário de viagem de Pilar:

Custa-nos deixar a Bahia, mas o calendário manda.

Olhamos pela última vez a praia, por baixo do agradável hotel onde estivemos hospedados (Enseada das Lajes, no Morro da Paciência, apenas nove quartos atendidos familiarmente, que nos permitiram

apreciar aquele gosto de estar que foi descrito pelos viajantes românticos do século XIX), e partimos. Antes, o pintor e gravador Calasans Neto organizou um almoço de despedida na sua casa-estúdio, peculiar como a de Amado e Caribé, mas com uma particularidade que a singulariza: não tem vidros nas janelas. Os vãos, ou estão tapados com placas de madeira, ou entra por eles a climatologia toda. Ainda bem que os Calasans vivem na Bahia, onde pelas janelas só costuma entrar o bom tempo, o sol e a alegria, que aqui parece que não se dão tanto os problemas de delinquência que caracterizam outras zonas do país.

**In Cadernos
de Lanzarote, vol. IV**



Durante muitos anos Jorge Amado quis e soube ser a voz, o sentido e a alegria do Brasil. Poucas vezes um escritor terá conseguido tornar-se, tanto como ele, o espelho e o retrato de um povo inteiro. Uma parte importante do mundo leitor estrangeiro começou a conhecer o Brasil quando começou a ler Jorge Amado. E para muita gente foi uma surpresa descobrir nos livros de Jorge Amado, com a mais transparente das evidências, a complexa heterogeneidade, não só racial, mas cultural da sociedade brasileira. A generalizada e estereotipada visão de que o Brasil seria reduzível à soma mecânica das populações brancas, negras, mulatas e índias, perspectiva essa que, em todo caso, já vinha sendo progressivamente corrigida, ainda de que de maneira desigual, pelas dinâmicas do desenvolvimento nos múltiplos sectores e actividades sociais do país, recebeu, com a obra de Jorge Amado, o mais solene e ao mesmo tempo aprazível desmentido. Não ignorávamos a emigração portuguesa histórica nem, em diferente escala e em épocas diferentes, a alemã e a italiana, mas foi Jorge Amado quem veio pôr-nos diante dos olhos o pouco que sabíamos sobre a matéria. O

leque étnico que refrescava a terra brasileira era muito mais rico e diversificado do que as percepções europeias, sempre contaminadas pelos hábitos selectivos do colonialismo, pretendiam dar a entender: afinal, havia também que contar com a multidão de turcos, sírios, libaneses e tutti quanti que, a partir do século XIX e durante o século XX, praticamente até aos tempos actuais, tinham deixado os seus países de origem para entregar-se, em corpo e alma, às seduções, mas também aos perigos, do eldorado brasileiro. E também para que Jorge Amado lhes abrisse de par em par as portas dos seus livros.

Tomo como exemplo do que venho dizendo um pequeno e delicioso livro cujo título – *A descoberta da América pelos turcos* – é capaz de mobilizar de imediato a atenção do mais apático dos leitores. Aí se vai contar, em princípio, a história de dois turcos, que não eram turcos, diz Jorge Amado, mas árabes, Raduan Murad e Jamil Bichara, que decidiram emigrar a América à conquista de dinheiro e mulheres. Não tardou muito, porém, que a história, que parecia prometer unidade, se subdividissem em outras histórias em que entram dezenas de personagens, homens violentos, putanheiros e bebedores, mulhe-

res tão sedentas de sexo como de felicidade doméstica, tudo isto no quadro distrital de Itabuna (Bahia), onde Jorge Amado (coincidência?) precisamente veio a nascer. Esta picaresca brasileira não é menos violenta que a ibérica. Estamos em terra de jagunços, de roças de cacau que eram minas de ouro, de brigas resolvidas a golpes de facão, de coronéis que exercem sem lei um poder que ninguém é capaz de compreender como foi que lhes chegou, de prostíbulos onde as prostitutas são disputadas como as mais puras das esposas. Esta gente não pensa mais que em fornicar, acumular dinheiro, amantes e bebedeiras. São carne para o Juízo Final, para a condenação eterna. E contudo...E, contudo, ao longo desta história turbulenta e de mau conselho, respira-se (perante o desconcerto do leitor) uma espécie de inocência, tão natural como o vento que sopra ou a água que corre, tão espontânea como a erva que nasceu depois da chuvada. Prodígio da arte de narrar, *A descoberta da América pelos turcos*, não obstante a sua brevidade quase esquemática e a sua aparente singeleza, merece ocupar um lugar ao lado dos grandes murais romanescos, como *Jubiabá*, *A tenda dos milagres* ou *Terras do sem fim*. Diz-se que pelo dedo se conhece o gigante. Aí está, pois, o dedo do gigante, o dedo de Jorge Amado.

José Saramago



JORGE AMADO, VIVO

Escreverei sobre Jorge Amado como se estivesse vivo. Dizem-me que as suas cinzas foram enterradas debaixo da mangueira a cuja sombra ele gostava de acolher-se lá no Rio Vermelho, mas cinzas são cinzas, coisa nenhuma, muito mais têm pesado as palavras, e o vento igualador, cedo ou tarde, tanto levou umas como outras. Por isso, só quero falar de Jorge Amado vivo. Nem sequer da sua obra, essa a que logo lhe saltaram profetas a jurar em todas as línguas que durará mais que o seu autor. Quem tais frases escreva ou diga, sabe que não arriscará nada ao enunciá-las, uma vez que, salvo ^{se} ~~de~~ gozar de uma longevidade excepcional, já cá não estará para responder pelo augúrio quando chegar a altura de verificar até onde chegaram o acerto ou o desacerto dele. Vale isto para Jorge Amado como vale para o Eça de Queiroz ou o Machado de Assis, ou qualquer outro de talentos curtos ou largos. Atrás de tempo, tempo vem, nenhum tempo passado teve razão em tudo, igualmente a não terá nenhum tempo futuro. O pior engano dos vivos sempre foi pensar que o tempo lhes haveria de fazer justiça, que os viria a ajuizar segundo regras de apreciação tão benévolas que eles próprios as poderiam ter redigido e aprovado. Desconfiar do futuro em vida deveria ter sido o primeiro mandamento de quem, ao morrer, vai deixar obra ao mundo. Não sei se Jorge Amado, enquanto viveu, o pensou alguma vez, mas não duvido de que o está pensando agora. Refiro-me, volto a dizer, ao Jorge Amado vivo, não àquele cujas cinzas estão inumadas debaixo da mangueira do Rio Vermelho.

É minha firme convicção de que, ao contrário de uma crença geral e daquilo que a aparente evidência dos factos tem parecido demonstrar até hoje, os mortos não se retiram do mundo, mantêm-se nele desde sempre e para sempre, não pelas ossadas

que deixaram ou pelas cinzas a que os reduziram, menos ainda pela insubstancialidade desses pitorescos fantasmas que precisam de lençóis para se converterem em aparição, mas pela forma invisível do que havia sido o seu corpo sólido, transformado, pela morte, em ausência. Sim, andamos/rodeados pelas presenças dos vivos que preenchem (preenchemos) buracos na atmosfera, mas também estamos cercados pelas presenças da ausência, a dos mortos, esses que nos legaram vazios para sempre vivos no lugar que antes ocupavam, mesmo quando de si nada mais ficou que a poeira dispersa em que se tornaram. Por aqui se vê como me é tão fácil escrever sobre Jorge Amado para dizer que está vivo.

por aí |

Todos os meus conhecidos me diziam conhecer a Jorge Amado, mas eu a Jorge Amado não o conhecia, e, como se a grave falta nada representasse para mim, pelo menos uma vez devo ter dado a impressão de que não o queria conhecer. Foi, se bem me lembro, em 1981, e eu descia, sozinho comigo mesmo, a Avenida da Liberdade, quando, à porta do Hotel Tivoli, vi um grupo de cinco ou seis pessoas reunidas ao redor de uma cabeça branca. A cabeça pertencia a Jorge Amado, o grupo era de jornalistas, não recorde se também algum escritor. Guinei rapidamente a direcção que me levaria directamente a eles, esgueirei-me para a berma do passeio, e quando já os havia ultrapassado e me julgava a coberto, ouço passos rápidos que se aproximavam e chamar pelo meu nome. Virei-me, era o Álvaro Salema que me dizia: “Está ali o Jorge Amado. Se quer, apresento-lho...!” Respondi que não valia a pena, que não queria interromper a conversa, incomodar, ficaria para uma outra vez, além disso estava com pouco de ~~pressa~~ pressa, muito obrigado. O Álvaro Salema olhou-me com cara de não perceber, mas não fez comentários. Voltou para o grupo, e eu continuei no meu rumo. Assim são as coisas. Tiveram de passar uns largos nove anos, até 1990, para que

esse rumo tornasse a cruzar-se com o de Jorge Amado. Foi em Roma, ambos fazíamos parte do júri do Prémio da União Latina, mas, forçados pelo concurso de gente a uma breve saudação à chegada ao hotel, não passámos além do limiar do conhecimento. Nessa mesma noite desprendeuse-me a retina do olho direito e, na manhã seguinte, a toque de caixa (“Nem pense em operar-se aqui”, avisou-me um oftalmologista italiano que consultei, o Dr. Lombroso), tive de regressar a casa para que me repusessem no seu lugar o órgão avariado. O júri decidiu sem mim, ganhou o uruguaio Juan Carlos Onetti. No ano seguinte (1991), fazendo frente à poderosa candidatura de Marguerite Duras, proposta e defendida por Pascal Quignard, consegui, com o apoio tranquilo mas teimoso de Jorge Amado, até à rendição unânime dos restantes membros do júri, que o prémio fosse para José Cardoso Pires. A amizade com Jorge Amado começou aí, pelejando, ombro com ombro, para que um escritor de língua portuguesa fosse o destinatário do reconhecimento internacional que o Prémio Literário da União Latina então significava. ~~pagou no bem depois, o autor de Lisboa Livro de Bordado. Em~~ *Na mesma*
~~no domicílio da~~
 Roma ainda por alguns anos, em Paris ~~na~~ rue Saint-Paul, em Santiago de Compostela, finalmente em Lisboa para emendar a falta no sítio onde tinha sido cometida, em Salvador da Bahía, aqui e além pelo mundo, sempre com Zélia e Pilar, os amigos Jorge e José nunca precisaram de longos discursos nem de copos de conhaque para saber que se entendiam e estimavam. De outro modo não se compreenderia o pacto que, risonhamente, firmaram em Paris: aquele que viesse a ganhar o Nobel (supondo que tal sucedesse) convidaria o outro a estar presente na cerimónia. Sem inveja nem rancor. No final de 1998 Jorge Amado já não estava em condições de viajar, só por isso não o tive comigo em Estocolmo.

Um dia destes, Pilar e eu desembarcaremos na Rua das Alagoinhas, a visitar Zélia e a família. Sentar-nos-emos debaixo da mangueira, no banco do Jorge, e eu levarei, para entreter a espera, *A Descoberta da América pelos Turcos*. Sim, não necessitam dizer-mo, o livro tem poucas páginas, não vai dar para muito, mas, sendo a obra acabada que é, pode-se voltar ao princípio uma vez e muitas, que sempre o encontraremos intacto. Se o Jorge tardar, se não vier, será apenas porque se atrasou no caminho, demorou-se a conversar com algum amigo, foi o que foi, talvez o Carybé, talvez o Calasans. Esperaremos pacientemente. Não há perigo de que não apareça. Ele está vivo.

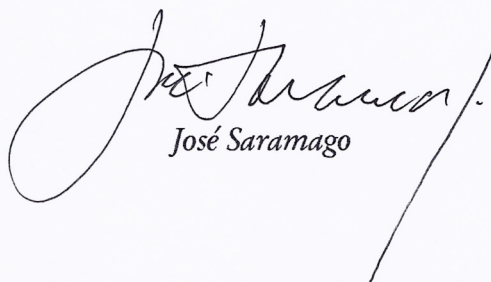
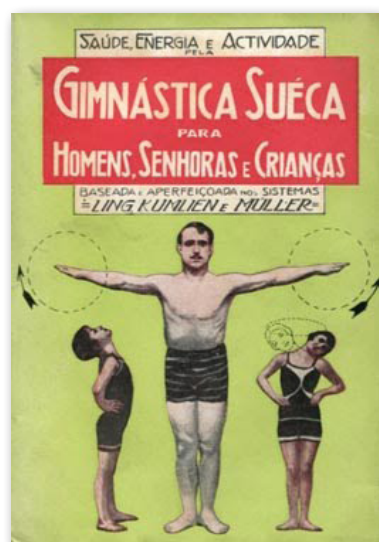

José Saramago



Foto de Zélia Gattai / © Fundação Casa de Jorge Amado

Nem só de literatura e ensaio se fazem os bons achados bibliográficos por entre as estantes dos livros ‘velhos’. Manuais, livros técnicos e volumes de curiosidades ou clichés oferecem, tantas vezes, matéria privilegiada para o conhecimento do mundo, dos vastos abismos da natureza humana à banalidade dos gestos que se repetem sem nenhuma grandeza aparente. *Ginástica Sueca Para Homens, Senhoras e Crianças* é um manual prático sobre exercício físico, mas é também um elogio da educação física à luz da escola da ginástica sueca e das teorias sobre o fortalecimento da raça. Lê-lo apenas com o intuito de aprender alguns movimentos para melhorar a condição física terá os seus resultados, ainda que haja manuais recentes capazes de cumprir essa função com mais eficácia explicativa. Mas lê-lo a partir de um olhar crítico sobre um tempo relativamente definido, as primeiras décadas do século XX, em que governos de recorte fascista implementaram programas de educação física com o objetivo de ‘purificar a raça’ e criar jovens fortes e sadios para o bom cumprimento dos deveres patrióticos é já sair do simples manual e abraçar o documento histórico que um livro como este constitui.



Ginástica Sueca Para Homens, Senhoras e Crianças. Baseada e aperfeiçoada nos sistemas Ling, Kumlien e Muller, Empresa Literária Universal

Comprado na livraria Letra Livre

(Lisboa; 12,50 euros)

Apesar da ausência de data, o discurso do autor (igualmente ausente no que à assinatura diz respeito, o que leva a entender este volume como uma adaptação fiel de um ou mais textos produzidos fora de Portugal) não deixa margem para dúvidas: “combater as causas do enfraquecimento moral”, “com um bom método de educação física se pode constituir uma raça ou mantê-la forte e enérgica” ou “ao alcance de todos está a salvação própria, a dos seus, a da pátria” são chavões conhecidos dos regimes nazis e fascistas, sempre dedicados ao incentivo da robustez como modo de alcançar uma pureza que só como modelo poderia existir e alimentava a ideia do indivíduo como máquina (tão capaz de cumprir programas físicos como de obedecer a outros mandos, de ordem moral, social e política), ignorando o que de mais rico existe na espécie humana, entre fraquezas, vícios e falhanços – sem os quais não seríamos seres tão interessantes como, ao que parece, conseguimos ser.

Quem preferir resumir a sua leitura desta *Ginástica Sueca Para Homens, Senhoras e Crianças* ao lado meramente prático, também não se sentirá defraudado. Os quinze minutos diários de exercícios anunciados pelo livro como capazes de melhorarem a saúde de quem os praticar não farão mal a ninguém. Com a vantagem de não ser preciso recorrer a aparelhos nem a grandes espaços, pode mesmo ser que daqui nasça um hábito saudável, contanto que não se leve muito a sério a propaganda sobre o Homem Perfeito, essa quimera que só existiu na cabeça de ditadores tantas vezes barrigudos e muito pouco interessados no bem da humanidade.

Sara Figueiredo Costa

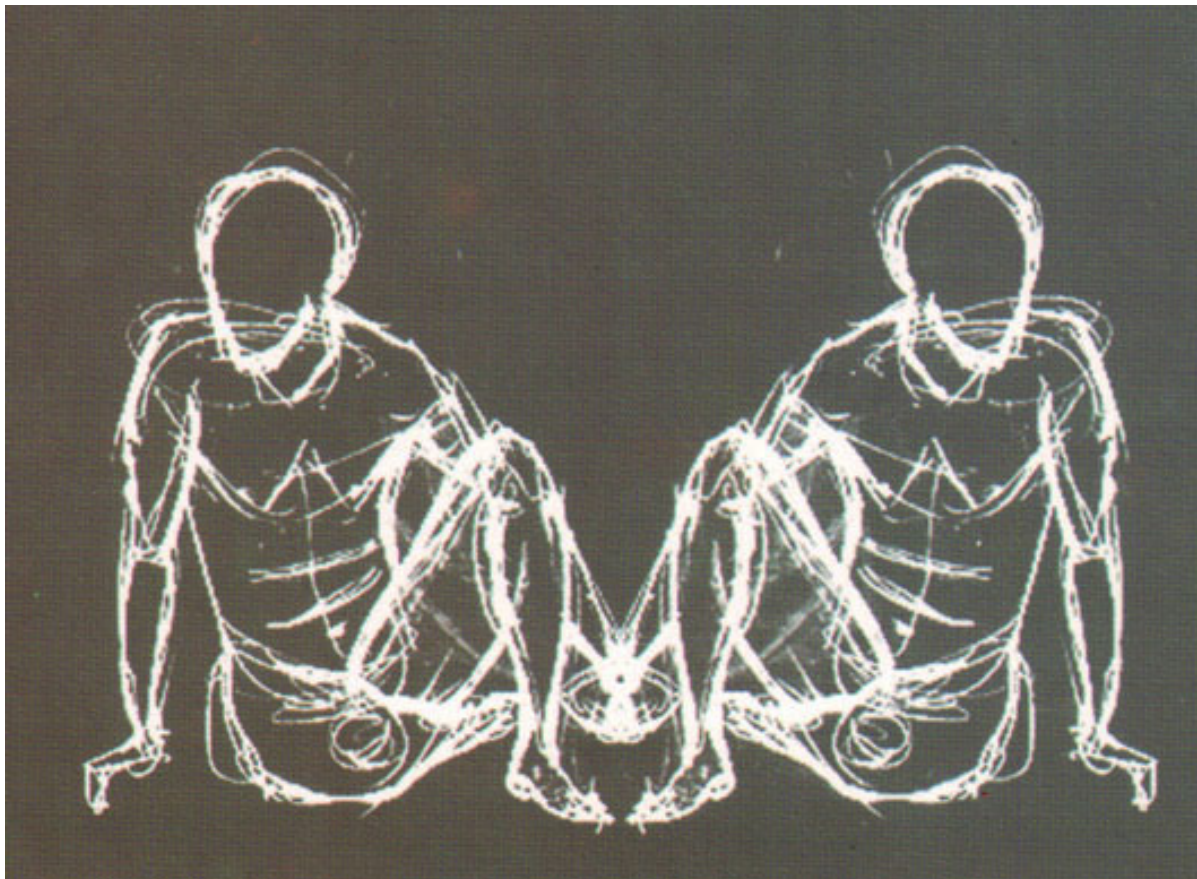


Fugindo aos esquemas mais frequentes de arrumação dos vários elementos que formam a capa de um livro, a capa da edição albanesa de *O Homem Duplicado* (*Tjetri si unë*, da editora Botimet Dudaj) revela uma organização e uma leitura pouco habituais, pelo menos de acordo com a tendência mais comum na maioria das capas que vemos nas livrarias. Criada pelo designer Vlash Papa, que falou com a *Blimunda* sobre o seu processo de trabalho, a capa de *Tjetri si unë* apresenta todos os elementos verbais na metade superior, reservando a metade inferior para uma ilustração alusiva ao conteúdo do romance, para o reflexo do título do livro, sendo esse reflexo, por si só, um eco da ideia de duplo, e para o logotipo da coleção. Sobre a imagem, Vlash Papa explica a sua escolha em função do título do romance: “Neste caso, *Tjetri si une*,

o título é muito claro e direto, e tem uma força muito grande. Traduzido à letra seria algo como ‘O outro como eu’ e por isso pensei logo em duas figuras absolutamente idênticas, olhando uma para a outra como se de um reflexo se tratasse.” Desenhadas com o registo de um esquisso feito a branco, com traços finos e estilizados que permitem perceber o antropomorfismo sem fornecerem elementos de pormenor sobre as feições, as características anatómicas ou o género, as figuras da ilustração contrastam com o cinzento escuro do fundo, que Vlash Papa escolheu sem nenhum critério simbólico relativamente à cor, mas unicamente pensando no efeito contrastante que este tom produz com os restantes elementos da composição.

Quanto ao nome do autor e ao título do livro, também a presença de duas fontes se fez a pensar no contraste, com uma fonte mais elegante, de traço duplo, escolhida para o nome do autor e com o Arial Black usado para o título, “primeiro tendo em conta a importância deste elemento, segundo, porque é uma fonte muito legível para quem vê este livro exposto nos escaparates, entre tantos outros”, de acordo com a visão do designer. A tipografia a branco, tal como o desenho, sobre o fundo cinzento escuro, perderia a sua força se não se introduzisse um outro elemento de cor, neste caso o título em reflexo, para o qual se escolheu um laranja pouco intenso mas perfeitamente eficaz no que toca ao efeito de contraste cromático.

No processo de criação desta capa, tal como acontece com as outras capas que desenha, Vlash Papa não teve condicionantes prévias sobre a localização dos vários elementos nem sobre o modo como deveriam ser apresentados. Com exceção da necessidade de incluir todos os elementos obrigatórios (nome do autor, título do livro, logotipos da editora e da coleção), o de-



signer teve liberdade total: “Para cada livro que publicamos na editora, desenho duas ou três capas com total liberdade de criação. Depois, em conjunto com o meu diretor executivo, escolhemos a mais adequada. Isso quer dizer que tenho liberdade para colocar os elementos, movê-los, apagar, voltar a fazer, até chegar a uma versão da capa que me satisfaça. Neste processo, vou experimentando e escolhendo fontes para o nome do autor e para o título até me decidir pela que mais me agrada, sempre em função do trabalho que estou a fazer.” Neste caso, o resultado foi uma capa onde é visível uma divisão em duas metades no sentido horizontal, deixando a parte de cima para os elementos obrigatórios e reservando a parte de baixo para a ilustração e para um apontamento que cruza a tipografia com o desenho, recorrendo à inversão das letras que compõem o nome do livro de modo a replicar o efeito de reflexo que a ilustração cria e que o próprio título sugere. E mesmo se essa capa pode sugerir algum desequilíbrio na disposição dos elementos, a sua partição em dois e o recurso ao título em reflexo, ocupando o início da metade inferior, confirmam a total adequa-

ção do design ao conteúdo do romance de José Saramago.

Quanto à colocação dos logotipos, da editora e da coleção, pode dizer-se que é pouco ortodoxa no que toca à relação com os restantes elementos que compõem a capa, no sentido em que não há um alinhamento óbvio com nenhum dos eixos do desenho geral. Apesar disso, Vlash Papa explica que escolheu colocar aqui os dois logotipos no sentido de os manter junto ao eixo central do livro, alinhados com o fim da capa e o início da lombada. E, tal como relativamente à colocação dos outros elementos da capa, não houve nessa escolha nenhuma indicação prévia da editora. “Resumindo, posso dizer que o meu trabalho é o de criar uma composição de elementos a partir do conteúdo de um livro. Nesse processo, as minhas decisões são completamente livres e muitas vezes posso chegar a desenhar três capas diferentes para o mesmo livro sem nunca repetir a mesma perceção e a mesma arrumação dos elementos. No fim, fica a melhor capa.”

Livro infantil e promoção da leitura

Da morte dos pais na literatura juvenil actual à recepção da obra *O Gato Malhado* e *a Andorinha Sinhá* nas escolas portuguesas, este mês destacam-se os jovens e honra-se o centenário do nascimento de Jorge Amado.

Ausência parental na literatura juvenil, tema ou lugar comum?

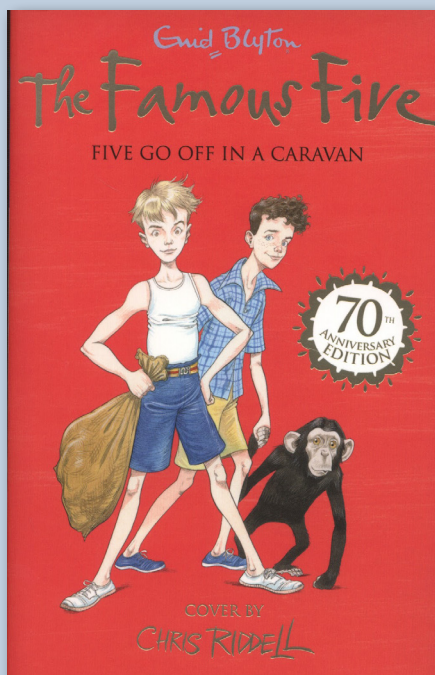
A morte prematura de um ou dos dois progenitores está presente em diversas obras de ficção juvenil, sendo transversal a estilos ou perspectivas narrativas. Da tradicional ausência parental como sinónimo de liberdade, a produção de ficção juvenil caminhou, na última década, para uma presença da morte de um ou dos dois pais em diversas obras, com funções distintas.

Ausência, sinónimo de liberdade

Os pais representam a autoridade, a ordem e a normalidade. São eles quem desenha a educação das crianças, quem estabelece os limites aos seus comportamentos e ações. A ausência dos pais é uma estratégia para dar aos protagonistas possibilidades que são negadas aos leitores em geral. O carácter extraordinário das personagens de livros juvenis pode pautar-se em grande parte por esta ausência, e a sua condição de herói em muito depende dela.

Um dos casos mais notórios é o da coleção *Os Cinco*¹, de Enid Blyton. Embora todos tenham pais, estes apenas aparecem no início ou no fim dos livros, ou são referidos *en passant*,

estabelecendo assim um elo entre o que será o mundo quotidiano destes primos, exterior aos livros, e as suas aventuras, que têm sempre um carácter excepcional, apesar de se repetirem até ao infinito...



Isso não significa que os adultos sejam banidos das aventuras. Pelo contrário, eles marcam presenças determinantes, como vilões ou adjuvantes. A questão não está na relação entre jovem e adulto e sim na relação de autoridade entre pais e filhos. De alguma forma, a ausência parental legítima, do ponto de vista da verosimilhança, a sucessão de peripécias perigosas que acontecem ao longo de cada aventura.

Assim é em muitas das sagas mais planas. Também na coleção portuguesa *Uma Aventura*² há a preocupação de

justificar o papel das famílias do grupo, sendo que na maioria dos casos as suas aventuras decorrem em viagem, pelo que pais e avós estão normalmente ausentes.

Orfandade e tradição literária

A temática das relações parentais e da orfandade, efetiva ou simbólica, já existe na literatura de receção juvenil desde o séc. XIX.

A condição de órfão de Oliver Twist³ serve, por exemplo, para justificar toda a narrativa, desta feita não pelas peripécias no limiar do verosímil, mas pelas injustiças e violência de que é alvo. O acento realista de Dickens atua sobre o contexto histórico e social da Revolução Industrial em Inglaterra, em que muitas crianças eram abandonadas na roda dos enjeitados, mal tratadas em orfanatos e exploradas em todo o tipo de tarefas a partir de tenra idade. Oliver Twist representa todas essas crianças, a partir do olhar crítico do autor. O facto de ser órfão tem assim duas razões: a representação social e a própria intriga romanesca, sendo que ambas estão umbilicalmente ligadas no projeto da obra.

Já no caso de Tom Sawyer⁴ e Huckleberry Finn⁵, a orfandade mais cruel e decisiva para a construção da liberdade é a de Huck. Apesar do pai existir, o seu comportamento marginal obriga a criança a proteger-se e

liberta-a, em reação, de seguir os padrões considerados normais pela comunidade: a falta de higiene, o uso do calão, o facto de não ir à escola ou de comer com as mãos determinam logo na primeira leitura a sua condição de personagem transgressora.

De entre os clássicos, a mais complexa abordagem à relação parental é, como se sabe, *Peter Pan*⁶. A culpa, a responsabilidade e o permanente conflito entre ordem e liberdade perpassam por toda a obra, encontrando o seu expoente máximo na personagem egocêntrica de Peter Pan, o menino caprichoso que não quer crescer mas quer ser herói e ter, à sua espera, uma mãe. Esta mãe deve impor regras e mimá-lo, transmitir segurança e permitir-lhe que brilhe em todo o seu protagonismo.

A ausência dos pais é uma estratégia para dar aos protagonistas possibilidades que são negadas aos leitores em geral.

O caso de Alice Vieira

Exemplos não faltam. Assim se abriu a porta a inúmeras derivações temáticas e razões para a abordagem do tema da orfandade.

Em Portugal, Alice Vieira escolheu a família como o grande universo de análise psicológica das suas personagens.

Dali se parte para a construção de afetos, para a descrição de traumas, para a evidência da imperfeição e dos erros: do ninho para o mundo.



De uma galeria com mais de vinte livros juvenis, é seguro afirmar que mais de metade deles explora relações familiares, com destaque para o segredo e o abandono. Melinda, em *Flor de Mel*, Paulina em *Paulina ao Piano*⁸ ou Branca em *Meia Hora para Mudar a Minha Vida*⁹ sofrem com a morte ou desaparecimento de um dos pais. Flávia, em *Os Olhos de Ana Marta*¹⁰ e Vera em *O Casamento da Minha Mãe*¹¹ são ignoradas pelas mães, num abandono consentido. Todas as personagens têm em comum um mundo que criam para se protegerem e ensaiarem alguma felicidade, e uma ou mais figuras adultas que assumem a responsabilidade pela sua educação mas que se mostram totalmente indisponíveis para dar qualquer

tipo de afeto, pelas mais diversas razões, algumas definitivas, outras temporárias.

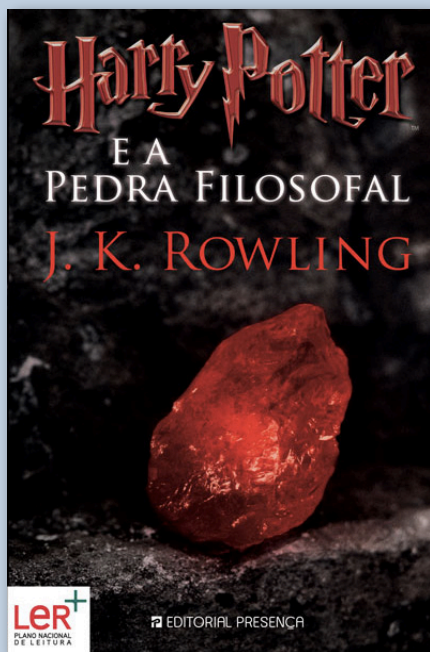
No seu tom narrativo, Alice Vieira deixa o leitor perturbado, implica-o nos sonhos e desesperos das jovens protagonistas, obriga-o a sentir-se ouvinte de um monólogo e a desejar muito que a situação se altere. No final assiste-se normalmente a uma catarse que sugere mudança e a recuperação desse amor perdido ou nunca conhecido, seja pela reconciliação, seja pelo aparecimento de um pai ou uma mãe substituta. A família enquanto organização social é escrutinada e desconstruída, oferecendo-se inúmeras possibilidades de reorganização que têm sempre como base a disponibilidade e o desejo mútuo de afeto e atenção.

Novas leituras para a morte dos pais

Na última década, aproximadamente, surgiram diversos livros juvenis em que a ausência parental (frequentemente mortos ou desaparecidos) está presente. No entanto, ao contrário do que acontece nos exemplos mais clássicos ou no trabalho de uma autora que, como Alice Vieira, escolhe claramente o tópico familiar como cerne da sua escrita, não há uma razão comum que se lhes encontre pela leitura.

A morte ou desaparecimento de um ou dos dois pais está presente em todo o tipo de narrativas juvenis, das fantásticas às realistas, do romance de persona-

gem ao policial, da literatura à fórmula. São exemplos avulsos, sobre os quais não é possível estabelecer uma ligação, mas a verdade é que existem, podendo até ser agrupados de acordo com a abordagem e a função narrativa.



Quando Harry Potter¹² parte para Hogwarts, leva consigo o peso de uma orfandade violenta, que resulta de uma batalha que o próprio jovem feiticeiro recuperará num misto de desejo e inevitabilidade. A morte que Voldemort infligiu aos seus pais foi imediatamente punida pelo próprio Harry, ainda bebê, pelo que o reencontro seria inevitável. Embora a vingança não persiga o protagonista ao longo dos sete volumes da saga, é o episódio inicial, que lhe serve de prelúdio, que condiciona toda a sua formação e justifica, pelo menos parcialmente, um sentido de justiça e uma condição de herói que o tornará o principal defensor do bem na luta

contra Voldemort.

Quase dez anos depois de Harry Potter, duas novas sagas escolhem protagonistas órfãos para heróis de aventuras policiais. *Cherub*¹³, do inglês Robert Muchamore, narra as missões de uma secreta seção juvenil do MI5, constituída apenas por crianças e jovens, todas elas órfãs. James Adams, o protagonista, acalenta a esperança de descobrir a identidade do pai, envolta num mistério que os responsáveis pelo Campus conhecerão, pelo menos parcialmente. Não é um herói atormentado, sequer um jovem com qualidades morais superiores aos comuns mortais.

A orfandade tem aqui um papel duplo porque de alguma maneira segue a tradição, de forma mais trabalhada, das coleções juvenis do passado, em que o internato substitui a família e legitima a condição de liberdade para o risco e a aventura dos adolescentes, e por outro aproveita a sua condição de órfãos para justificar alguns dos seus comportamentos e apimentar o seu percurso ao longo da saga.

Já em *Conspiração* 365¹⁴, Callum vê-se envolvido numa trama inacreditável e vertiginosa, em que, depois da morte do pai, aparentemente acidental, alguém o avisa de que vão tentar matá-lo. O rapaz de 15 anos transforma-se num fugitivo a quem todos perseguem e

em quem ninguém, nem a mãe, acredita. A base da narrativa é a do herói involuntário que é impelido para uma missão que acaba por chamar a si, por nobreza, vingança, necessidade de sobrevivência... É um caso ainda mais evidente da escolha da morte dos pais como argumento desencadeador da intriga.

A morte ou desaparecimento de um ou dos dois pais está presente em todo o tipo de narrativas juvenis, das fantásticas às realistas, do romance de personagem ao policial, da literatura à fórmula

Embora cumpra uma estrutura narrativa mais complexa e literária, o mesmo se passa em *A Invenção de Hugo Cabret*¹⁵, em que o protagonista decide continuar o projeto do pai, acreditando que assim prolongará a sua existência e a sua orientação. Não fora a morte deste, e a sua vida não se teria alterado tanto, sendo obrigado a viver com o tio, a deixar de estudar e a trabalhar, limpando e mantendo a funcionar pontualmente todos os relógios de uma estação de comboios parisiense. A influência do cinema e a ideia de ilusão que o pai lhe deixara terão um papel decisivo, não apenas na forma como se movimenta, mas igualmente na persistência que o fará encontrar, por acaso, o verdadeiro artífice daquele homem mecânico e a sua filha adotiva, alterando para sempre a vida de todos.

Até que ponto a orfandade funciona como recurso para lançar uma narrativa ou é uma espécie de tema implícito, que condiciona as personagens infantis ou juvenis, moldando-as em função da sua relação com a ausência?

A diferença está no género narrativo. Quando se trata de uma aventura, em que a ação se sucede com um ritmo sempre acelerado, a morte ou desaparecimento dos pais não serve a descrição de personalidade ou a reflexão sobre os comportamentos dos protagonistas.



Afonso Cruz escolheu o desaparecimento do pai, Vivaldo Bonfim¹⁶, para justificar uma viagem fantástica de Elias, o seu filho de 10 anos, por alguns livros da sua biblioteca. Partindo de uma premissa inverosímil – que Vivaldo terá um dia desaparecido dentro dos livros que lia compulsivamente – Elias vai, ele próprio,

tentar descobrir esses livros e entrar neles, na esperança de encontrar o pai. Dentro de cada um, as personagens dão-lhe novas pistas, e a criança acaba por tecer comentários acerca das próprias narrativas, envolvendo-se nelas. Procurar o pai dá-lhe, no final, a resposta que procurava. Na sua viagem, Elias compreende o fascínio pelos livros e encontra, ainda que simbolicamente, o pai, e a si próprio.

David Almond, um dos melhores escritores juvenis da atualidade, dedica-se à exploração psicológica das personagens, à criação de tensões e paradoxos, ao jogo antinómico entre vida e morte, passado e futuro, realidade e fantasia... As relações interpessoais, especialmente entre pares e entre a criança e o adulto estão muitas vezes presentes. Em, por exemplo, *O Meu Nome é Mina*¹⁷, a protagonista vive a amargura da perda do pai, e a discriminação de uma diferença que assenta precisamente num discurso não formatado e limitado aos constrangimentos escolares e sociais. A sua relação com a árvore em frente a sua casa, com a palavra, com o gato ou com a família que vem morar nas imediações, tudo é visto com um olhar único, extraordinariamente lírico, que não identifica limites. Perder o pai terá sido perder alguém que também, à imagem da mãe, reforçasse esse sentido filosófico da vida, alguém que também a

compreendesse, e assim a tornasse mais forte na luta contra todos os que não a compreendiam nem aceitavam.



No polo oposto está *Os Monstros que Fabricamos*¹⁸, em que Stephen é um rapaz psicótico que cria e dá vida a monstros de barro. Envolto em mistério, um dos boatos que corre pela cidade quando o jovem aparece é o da morte do pai e da loucura da mãe. Stephen confessará que foi ele quem matou o pai, por culpa da mãe que não acreditou que ele o poderia, ao inverso, salvar. Certo é que o rapaz despreza profundamente a mãe, como às pessoas em geral, com uma crueldade que resulta precisamente do poder que julga deter e que pressente maior se unido ao do aterrado Davie.

Da saudade à vingança, da sucessão ao terror, por todos os caminhos nos deparamos com a ausência parental nos livros de receção juvenil. Há muitos outros exemplos, menos significativos para o desenrolar diegético.

tico. Não há uma justificação social, literária ou estrutural, pelo que apenas podemos ler a morte como coincidência e recurso temático, não obstante a herança literária que já lhe conhecemos, e que terá certamente contribuído para a escolha do tópico.

Da saudade à vingança, da sucessão ao terror, por todos os caminhos nos deparamos com a ausência parental nos livros de receção juvenil

Certo é que o tema quase chega ao recurso estilístico em alguns casos, contrastando com abordagens surpreendentes e

intensivas. Ultrapassa o determinismo, a retórica e a leitura psicanalítica.

Provavelmente tão recorrente presença encontra uma justificação simples: os pais são elementos absolutamente incontornáveis na vida das crianças e dos adolescentes; como tal, têm o seu lugar assegurado, pela presença ou pela ausência, nos livros que lhes são dirigidos. A cada um, sua leitura, a cada um, sua motivação.

Andreia Brites

1 Edição original: *The Famous Five*; Enid Blyton, Hodder & Stoughton, 1942
2 Ana Maria Magalhães, Isabel Alcáda, Caminho, 1982
3 Edição original: *Oliver Twist*; Charles Dickens, Richard Bentley, 1837-39
4 Edição original: *The Adventures of Tom Sawyer*; Mark Twain, American Publishing Company, 1876
5 Edição original: *Adventures of Huckleberry Finn*; Mark Twain, Charles L. Webster and Company, 1885
6 Edição Original: *Peter Pan*; J. M. Barrie, Hodder & Stoughton, 1911
7 Editorial Caminho, 1986
8 Editorial Caminho, 1985
9 Editorial Caminho, 2010
10 Editorial Caminho, 2000
11 Editorial Caminho, 2005
12 Edição original: *Harry Potter and the Philosopher's Stone*; J. K. Rowling, Bloomsbury Publishing, 1997
13 Edição original: *Cherub, The Recruit*; Robert Muchamore, Hodder Children's Books, 2004
14 Edição original: *Conspiracy 365, January*; Gabrielle Lord, Scholastic Austrália, 2009
15 Edição original: *The Invention of Hugo Cabret*, Brian Selznick, Scholastic Inc., 2007
16 Edição original: *Os Livros que Devoraram o Meu Pai*, Afonso Cruz, Caminho, 2010
17 Edição original: *My Name is Mina*, David Almond, 2010
18 Edição original: *Clay*, David Almond, Hodder Children's Books, 2005

Ler na escola:
*O Gato Malhado e
a Andorinha Sinhá*

Como na maioria dos programas de língua materna, há diversas obras recomendadas pelo programa de português para leitura acompanhada em sala de aula, ao longo dos diversos níveis de ensino.

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá, de Jorge Amado, consta no programa há mais de 15 anos e tem sido trabalhado com alunos do 3º ciclo, entre os 12 e os 15 anos de idade.

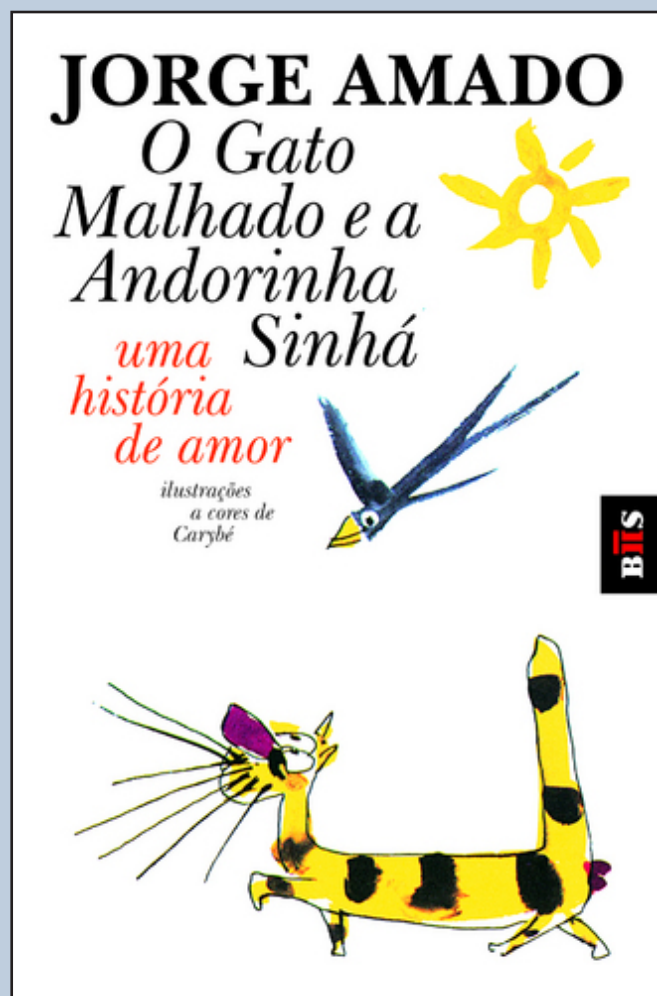
As experiências têm sido inevitavelmente diferentes, de acordo com as turmas, os professores, as estratégias e os contextos sociais em que cada comunidade se insere. Há, todavia, alguns aspectos comuns.

Os professores que optam pela obra têm opiniões positivas acerca da sua experiência pessoal de leitura. Quando o leu há mais de 17 anos, a professora Jacqueline Duarte gostou imediatamente da narrativa: “Gostei bastante da abordagem criativa de temas como o amor e a amizade, complementados pelo humor e a “cor” linguística.” Maria Helena Borges salienta que a sua empatia ainda se mantém: “Gostei, e gosto. Da história narrada, aparentemente dirigida a leitores muito jovens, logo, leitores que ainda estão a aprender a gerir emoções. Ora, a história é extremamente emotiva e emocionante, com uma complexidade subjacente a uma aparente simplicidade.”

Há efectivamente um exotismo associado a esta escrita, fluida e despojada, que em nada compromete o lirismo do tema e o ritmo melancólico que anuncia, desde o início, um desenlace infeliz. Apesar dos diversos registos (a carta, o diálogo, o soneto, a narrativa), o texto soa sempre simples, o que tem um efeito distinto em alunos e professores. Enquanto

os primeiros, ainda pouco experimentados na leitura, intuem algo que lhes parece simplista e infantil, os segundos identificam imediatamente o subtexto forte de emoções e figurações na composição das personagens que, como acontece em outras obras do autor, reflectem conflitos, valores e injustiças.

Provavelmente pela interpretação e pelo prazer que sentem ao ler a obra, as professoras consideram-na adequada às faixas etárias a que se destina, no âmbito da disciplina de português. A temática, segundo Anabela Pires Carreira, é um argumento de peso: “Sendo a sexualidade uma temática obrigatória e transversal às várias disciplinas e sendo a questão dos sentimentos essencial para uma biografia sexual feliz, este livro é um ótimo ponto de partida para essa abordagem.” Jacqueline Duarte anui e acrescenta: “O tema do amor, da amizade, da



irreverência são muito apelativos no período da adolescência; as metáforas que envolve permitem estimular (partindo da fábula) a exploração de significados de forma atrativa, quase lúdica. A aproximação aos autores de língua oficial portuguesa, neste caso, a um autor brasileiro, possibilita a análise das variantes linguísticas e a discussão da sua riqueza, tal como a descoberta do autor Jorge Amado e outras obras suas. A temática aproxima-o ainda de outra obra muito do agrado dos alunos, *O gato que ensinou a gai-vota a voar*, de Luís Sepúlveda.”

Primeira impressão e leitura, dois momentos, duas opiniões

No entanto, há actualmente mais resistência, por parte dos alunos, à leitura da obra. As razões encontram-se noutros recursos que os adolescentes exploram com prazer, como os universos fantásticos ou os diários de pendor realista. A fábula está normalmente associada à infância, no seu património de leitura e é-lhes difícil aceitar o pacto proposto por Jorge Amado. Descortinar o sentido figurado da narrativa não se afigura imediato, devido às limitações de literalidade que, para alguns, a pouca experiência de leitura de textos e do mundo em geral, impõe.

A professora Manuela Caeiro optou por não trabalhar a obra devido a estes constrangimentos: “Pela minha experiência, os mais novos gostam muito de histórias de animais, mas os adolescentes não tanto. Sentem-se infantilizados, para mais se a ilustração lhes parece mesmo infantil. Depende também das turmas. E talvez também da nossa capacidade de mediação de leitura. Mas como eu lhes dava várias obras à escolha, os meus jovens optaram sempre por outras... E eu desisti de incluir *O gato malhado...* no menu.”

Helena Borges, ao comparar a receptividade das suas turmas em 2004 e no passado ano lectivo, nota algumas diferenças: “Há oito anos atrás, os alunos gostaram muito do livro (texto e ilustrações). Conseguiram perceber características que surgem praticamente em todas as obras de

Jorge Amado: a fina ironia, a ficção que espelha a realidade, a crítica, mas também a ternura e a preferência do narrador em relação a algumas personagens.

No ano lectivo transato, a maioria dos alunos também gostou da história narrada e interpretou-a corretamente, mas um número considerável (talvez mais de metade) manifestou o seu desagrado em relação a diversos aspectos. Consideraram a história absurda e quase escandalosa, porque não pode haver qualquer relação entre um gato e uma andorinha e criticaram o gato por ser efeminado e lamechas (sobretudo os rapazes riem quando se trata do Gato, afirmando que os homens não devem ser “românticos” e “fracos” como a personagem).”

Apesar de algumas alterações ao nível da recepção pelos alunos, as experiências são, geralmente, positivas. Tudo depende das estratégias traçadas pelos professores, e essas abundam e replicam-se cada vez mais, não apenas por parte das principais editoras que se dedicam ao livro e ao material de apoio escolar, como é o caso da Porto Editora, mas também na Internet, em blogs, sites e plataformas criadas por docentes.

De entre muitas delas destacam-se as dramatizações e o recurso ao escrito. A professora Maria João Silvestre considera que “funcionam bem propostas de escrita a partir da obra: uma carta da andorinha ou do gato aos habitantes do parque; uma proposta de elenco e de guião para uma adaptação ao cinema; um soneto...” Teresa Pombo, por exemplo, desenvolveu um projecto de diário do gato, escrito pelos alunos, que depois alimentou um blogue criado exclusivamente para o livro.

Por vezes, uma simples leitura pode fazer toda a diferença, como partilha Jacqueline Duarte: “Recordo-me do segundo ano em que lecionei 8.º ano, há 17 anos, e tive uma aluna de origem brasileira (chegavam os primeiros grupos de emigrantes brasileiros). Ouvi-la ler deu vida à máxima de Santo Agostinho - “Os textos existem

para ser lidos em voz alta”. Relembro, também, a tristeza dos alunos (especialmente das alunas) face ao final da história, embora alguns “Gatos Malhados” também se tenham deixado levar...”

A questão das obras de leitura obrigatória é polémica e não tem resposta unívoca. Não se deve abandonar um texto literário à primeira dificuldade, nem perante uma tendência ligeira de mudança de reacção por parte dos alunos. No entanto, é essencial que o professor saiba defender a obra, não apenas no que respeita a sua preferência mas também no âmbito do seu próprio projecto didáctico e pedagógico, sob pena de não conseguir que os alunos a compreendam.

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá é um desafio. E uma porta de entrada para o universo de Jorge Amado. Maria Helena Borges assume essa missão: “Atendendo à dificuldade de abstracção revelada atualmente, à dificuldade (e também pouca vontade) em “sair” da leitura literal e “ver” para além do que o autor escreveu, o livro constitui um desafio. Além disso, mesmo protestando, mesmo rindo, mesmo dizendo “piadas”, umas vezes engraçadas, outras sem graça nenhuma, o facto é que os alunos certamente não esqueceram o livro, tendo sido um dos que mais os fez abandonar as conversas em aula.”

AB

1 Edição portuguesa: D. Quixote



Ilustração de Caribé para a edição de
O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá

Destaques

Tudo em grande, como o lobo



O mote soa familiar, como convém. “Para leer-te mejor” foi o lema escolhido para a 22ª Feira Internacional do Livro Infantil e Juvenil de Buenos Aires, que decorreu entre 9 e 28 de Julho no Centro de Exposições da capital Argentina.

Organizada pela Fundación El Libro, a Feira contou com inúmeros stands, encontros com autores e ilustradores, oficinas, exposições, ateliers, concursos e a atribuição dos Prémios Pregonero, nas suas diversas categorias (Instituição, Especialista, Jornalismo, Produção Digital, Biblioteca, Livraria, Contador, Teatro, Pregonero Especial e Pregonero de Honra).

Houve ainda espaço para um concurso de disfarces, a partir de personagens de livros de Banda Desenhada, para adultos e crianças, no âmbito do 3º Festival de Historieta, e para a 1ª Ronda de Coros “Para cantarte mejor” onde se reuniram diversos grupos corais, estreitando-se assim as relações entre o livro e a música tradicional.

As exposições foram dedicadas a efemérides: o bicentenário da edição dos “Contos da Família e do Lar” dos Irmãos Grimm e o bicentenário do nascimento de Charles Dickens. Pelos 140 da edição de “Martín Fierro”, o grande poema de

José Hernández, ícone da identidade argentina, que narra a vida de um gaúcho nas pampas, o Museo del Dibujo e la Ilustración organizou uma exposição com ilustrações, desenhos e gravações de grandes autores sobre o livro e a personagem.

Aproveitando o lema do Festival, promoveram-se ainda as Jornadas para Docentes y Mediadores de Lectura “Como leer-te mejor? Estratégias para la calidad del proceso lector” e o 6º Foro de Promoción de la Lectura y el Libro “Para leer-te mejor en la biblioteca”.

Tudo foi grande no Festival, do número de ateliers ao número de grupos corais, dos temas das mesas redondas até à oficina para mediadores e docentes, que incluiu uma visita orientada à Feira, com recolha e apresentação de bibliografia organizada por temas. Segundo o site oficial, foram mais de 300.000 pessoas a visitarem o certame, que certamente encontraram motivação e estratégias para ler melhor.

Português para estrangeiros



A editora Tcharan nasceu em 2010 pela mão da livreira e escritora Adélia Carvalho e da ilustradora Marta Madureira. Sediada na livraria e galeria Papa Livros, no Porto, que se dedica à infância e juventude, a pequena editora conta com cinco livros publicados. Tendo a qualidade como principal critério, a aposta editorial centra-se em autores portugueses, quer escritores como ilustradores, pretendendo equilibrar o catálogo com nomes reconhecidos e incontornáveis e outros

que agora começam a dar os primeiros passos na escrita ou ilustração para a infância.

Apesar da sua dimensão e de existir há pouco tempo, a editora fez uma aposta inovadora ao editar três dos seus cinco álbuns em inglês e espanhol. Marta Madureira explica-nos as razões desta aposta: «Decidimos fazê-lo pela necessidade que fomos sentindo em investirmos também noutros países que não apenas Portugal. É uma aposta em novos mercados e consequentemente na internacionalização.»

Dar a conhecer a editora fora de Portugal permite vender mais exemplares, ampliando o número de potenciais leitores, o que, acompanhado da promoção dos seus autores, poderá ser muito significativo.

«Estamos, por exemplo, a vender na Amazon para facilitar o acesso aos nossos livros em qualquer parte do mundo. Recebemos recentemente o primeiro prémio de ilustração da 3x3 Magazine com o livro *Mocho Comi* que rapidamente se reflectiu na procura e encomendas do livro, em versão inglesa, na Amazon, sobretudo no Reino Unido.»

Também ao nível da venda de direitos de publicação, o facto de existir uma edição noutra língua facilita o acesso e a comunicação com outras editoras estrangeiras, não apenas do ponto de vista da produção que não implica tradução, mas também do ponto de vista da própria compreensão do álbum. «Sentimos essa diferença na Feira do Livro de Bolonha, este ano. Já lá tínhamos estado o ano passado mas só com títulos em português. Este ano, com três títulos traduzidos em inglês e espanhol, sentimos um interesse mais imediato nos livros. As editoras que nos procuram conseguem ter uma visão final do livro, percebem melhor as histórias e avaliam com maior rigor a dinâmica do objecto. Tivemos um exemplo muito claro disso na venda de direitos (já concluídos) para a Colômbia, onde o primeiro contacto com os livros, neste caso em espanhol, foi decisivo.

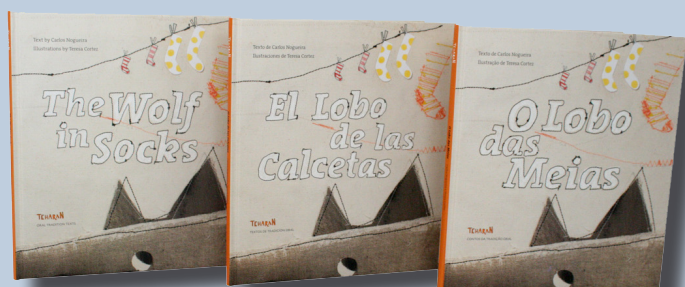
Pelos mesmos motivos, a aposta em livros traduzidos é, também, uma ferramenta e uma forma mais fácil para a nossa agente internacional conseguir trabalhar a imagem da Tcharan pelo mundo e, consequentemente, conseguir a venda de direitos.»



Embora possa ser um mercado limitado, também em Portugal há espaço para a venda de álbuns em inglês e castelhano, sobretudo ao nível do ensino das línguas, especialmente do inglês, que se inicia logo no primeiro ciclo.

Dos três álbuns traduzidos, *Mocho Comi* e *Lobo das Meias* pertencem à colecção Contos da Tradição Oral. Tendo a raposa como protagonista, no primeiro conto é ela a má da fita enquanto que no segundo é a vítima. Aos dois álbuns assiste o sentido de humor e a aproximação ao oral que Carlos Nogueira, investigador na área da literatura tradicional, rigorosamente preserva.

Elefante em Loja de Porcelanas é uma narrativa plena de ritmo e cor, contrariando o peso suposto de animal tão volumoso. Ao contrário dos piores temores das loiças, o elefante circula magestosamente na loja, alimentando a situação com muito humor.



A Tcharan tem prevista a edição de mais cinco livros até ao final do ano. See you soon.

Livros que têm edição em inglês e castelhano:

Elefante em Loja de Porcelanas / Elephant in a Porcelain Shop / Elefante en Tienda de Porcelanas; Adélia Carvalho (texto), André da Loba (ilustração).

Mocho Comi / I ate an Owl / Búho Comi; Carlos Nogueira (texto), Marta Madureira (ilustração).

Lobo das Meias / The Wolf in Socks / El Lobo de las Calcetas; Carlos Nogueira (texto), Teresa Cortez (ilustração).

Saramaguiana

O cão, personagem dos romances de José Saramago,
por Helena Vaz Duarte
“Entra, chegaste à tua casa”.
por Pilar del Río

O cão, personagem dos romances de José Saramago

Os leitores dos romances de José Saramago guardam, na sua memória, a presença forte de muitas das personagens, sejam masculinas ou femininas. Relembro Blimunda de *Memorial do Convento* e a mulher do médico de *Ensaio sobre a Cegueira* e de *Ensaio sobre a Lucidez*, dotadas de extraordinária força anímica, o culto heterónimo Ricardo Reis de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, transformado em homem tão anónimo como o Sr. José de *Todos os Nomes*, o polémico Jesus Cristo de *Evangelho segundo Jesus Cristo*, a corajosa família Mau-Tempo de *Levantado do Chão*, entre tantas outras personagens

Porém, não é de personagens humanas que hoje quero falar, mas de outras que vivem também nas páginas do romancista, a quem ele confere características que as tornam gente como nós. Refiro-me aos animais e, se de todos falasse, a lista e os exemplos seriam longos: o elefante, claro, na sua penosa e longa viagem; o milhano que sobrevoa, altivo, a planura de *Levantado do Chão*, ou as formigas, no mesmo romance, que testemunham, no seu lento vaivém, a longa agonia de Germano Vidigal ao ser torturado pela PIDE; o burro que acompanha a alegria e o amor de Baltasar e Blimunda numa das suas idas à serra de Monte Junto, em *Memorial do Convento* ou os estorninhos de José Anaíço ou ‘Dois Cavalos’- carro e galera puxada por Pig(arço) e Al(azão) em *A Jangada de Pedra*. Destaco, porém, o cão, personagem constante nos romances de Saramago. As palavras do autor mostram-nos a sua importância ficcional:

“O cão viaja nos meus livros desde *Levantado do Chão*, e o nome Constante que lhe dei é a homenagem de um humano a um canino.”¹

Na realidade, o cão surge no espaço ficcional sa-

ramaguiano quer como personagem, quer como processo de caracterização da realidade ficcional ou como sinónimo do ponto de vista do narrador.

A sua estreia como personagem é em *Levantado do Chão*, romance também ele de quase-estreia do escritor, com o nome Constante, uma forma talvez de anunciar a sua presença nos romances seguintes e, quase como personagem, a comunicar da euforia dos trabalhadores no dia 25 de abril:

*E à frente, dando os saltos e as corridas da sua condição, vai o cão Constante, podia lá faltar neste dia levantado e principal.*²

Em *A Jangada de Pedra*, o narrador, em autoin-tertextualidade, atribui ao cão francês Ardent a identidade de Constante

*[José Anaíço] [...] propôs que fosse dado ao cão o nome de Constante, tinha lembrança de haver lido esse nome num livro qualquer*³

que aparece com o fio azul na boca, tornando-se o condutor do verdadeiro fio da narrativa.

*Será assim, respondeu Joana Carda, mas esta vara ficará sempre comigo, os momentos não avisam quando vêm. Um cão apareceu entre as árvores, do outro lado. (...) Tinha na boca um fio de lã azul que pendia, húmido. Pedro Orce passou-lhe a mão pelo dorso, depois voltou-se para os companheiros, Há momentos que avisam quando chegam, a terra treme debaixo das patas deste cão.*⁴

O cão que Raimundo Silva vai encontrando e que até procura nas escadinhas de S. Crispim, no cenário de *História do Cerco de Lisboa*, testemunha da sua solidão e do seu questionamento pessoal e profissional, ou o cão do violoncelista solitário de *Intermitências da Morte* ganham corpo ficcional, quer como o cão de nome Achado de *A Caverna*, quer como o cão das lágrimas de *Ensaio sobre a Cegueira* e *Ensaio sobre a Lucidez*.

Achado é o cão que surge, ‘perdido’, numa noite chuvosa, em casa do protagonista Cipriano Algor, e que se torna ‘achado’, sendo um elemento importante, tanto afetivamente para aquela família, como ficcionalmente, sendo o interlocutor do oleiro Algor, nos seus momentos de má-sorte ou no encontro do amor de Isaura Madruga. Aqui ficam alguns dos muitos excertos que marcam a humanizada presença de Achado:

O Achado é um cão consciente, sensível, quase humano, não precisa que lhe expliquem o que se está a passar aqui.⁵

mas o cão Achado, embora sem se atrever a duvidar do pouco que tinha ouvido, não pôde deixar de notar que a melancolia da cara do dono contrariava abertamente a determinação das palavras,⁶

Cipriano Algor chamou o cão, Vamos, bicho, e o Achado foi atrás dele, Pode ser que a encontre, pensava. Os cães são assim, quando lhes dá para tal pensam por conta dos donos.⁷

Também o cão das lágrimas poderá figurar na lista das personagens inesquecíveis de Saramago. É de relembrar o desejo do romancista de ser recordado como aquele que criou o cão que lambeu as lágrimas da mulher do médico, quando esta se senta, desesperada, numas escadas de uma rua do mundo caótico e animalesco de *Ensaio sobre a Cegueira*. Aqui, o cão condensa todos os sentimentos ausentes do ser humano: a atenção ao próximo, a partilha da dor e também da esperança de redenção.

A mulher do médico vai lendo os letreiros das ruas, (...) Não há dúvida, está perdida. (...) Os cães rodearam-na, farejam os sacos, mas sem convicção, como se já lhes tivesse passado a hora de comer, um deles lambe-lhe a cara, talvez desde pequeno tenha sido habituado a enxugar prantos. A mulher toca-lhe na cabeça, passa-lhe a mão pelo lombo encharcado, e o resto das lágrimas chora-as abraçada a ele. Quando enfim levantou os olhos, (...) viu que tinha diante de si um grande mapa,⁸

É curioso referir que o único aspeto que Saramago não aprovou no filme de Fernando Mei-

relles foi a escolha de um cão de raça, o que não deixa de comprovar a importância que ele atribuiu a este animal como personagem dos seus romances. Preferia um cão rafeiro, anónimo, como anónimos são a maioria dos seus protagonistas.

Uivemos, disse o cão é a epígrafe de *Ensaio sobre a Lucidez*, romance de 2004 e que, para além da ligação no título, recupera as personagens de *Ensaio sobre a Cegueira* e a tomada de consciência de que a existência de uma sociedade justa e igualitária é uma utopia. É talvez o romance de José Saramago com o final mais pessimista:

Passou uma hora, e a mulher do médico ainda não apareceu, tem estado a chorar, a pobre, mas agora virá respirar um pouco, (...). A mulher aproxima-se da grade de ferro, põe-lhe as mãos em cima e sente a frescura do metal. Não podemos perguntar-lhe se ouviu os dois tiros sucessivos, jaz morta no chão e o sangue desliza e goteja para a varanda de baixo. O cão veio a correr de lá de dentro, fareja e lambe a cara da dona, depois estica o pescoço para o alto e solta um uivo arrepiante que outro tiro imediatamente corta. Então um cego perguntou, Ouviste alguma coisa, Três tiros, respondeu outro, Mas havia também um cão aos uivos, Já se calou, deve ter sido o terceiro tiro, Ainda bem, detesto ouvir cães a uivar.⁹

Esta cena final, com a morte da mulher do médico e a do cão, ilustrará bem a impossibilidade de redenção e o inevitável encontro com a cegueira branca que envolve a humanidade. Fica um amargo de boca quando fechamos as páginas deste livro. Com a morte do cão, o leitor sente a emoção da perda de uma personagem querida e percebe o desmoronar de um mundo melhor. “Eu não sou pessimista, o mundo é que péssimo”, disse várias vezes Saramago. Por isso, será preciso que os homens, como os cães, uivem e não deixem matar em si o que lhes dá a capacidade de serem humanos.

Muito mais haveria a acrescentar sobre a presença do cão nos romances de Saramago. Como sua leitora, resta-me apenas dizer que, quando fecho as páginas dos seus livros, sinto o cão como uma personagem que fica na minha me-

mória, tão real como simbólica, e que corporiza a humanidade que tantas vezes falta àqueles que têm o poder de tornar o mundo melhor. Sinto-o gente como nós!

Assim foi Camões para os seus donos, que lhe abriram as portas da casa em Lanzarote, deixando-o ser parte das suas vidas!

Helena Vaz Duarte

1 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2203200410.htm> (consultado em 02.08.2002)

2 Saramago, 1988: 304

3 Saramago, 1997: 254

4 Saramago, 1997: 150-151

5 Saramago, 2000: 349

6 Saramago, 2000: 144

7 Saramago, 2000: 145

8 Saramago, 1995: 226

9 Saramago, 2004: 328-329

Bibliografia ativa:

SARAMAGO, José (1988), *Levantado do Chão*,

Círculo de Leitores

SARAMAGO, José (1986), *A Jangada de Pedra*,

Lisboa, Ed. Caminho

SARAMAGO, José (1995), *Ensaio sobre a Cegueira*, Lisboa, Ed. Caminho

SARAMAGO, José (2000), *A Caverna*, Lisboa, Ed. Caminho

SARAMAGO, José (2004), *Ensaio sobre a Lucidez*,

Lisboa, Ed. Caminho

“Entra, chegaste à tua casa”

“**E**ntra, chegaste à tua casa”: assim entrou Camões na vida de José Saramago. No momento em que Manuel Maria Carrilho, ministro da Cultura de Portugal, anunciava a José Saramago que lhe tinha sido concedido o maior galardão literário da língua portuguesa, um cão assustou tanto uma vizinha que ela gritou a pedir ajuda. Os que estávamos em casa saímos para a rua e vimos que o animal ferroz era um cachorro assustado com o susto da mulher. O animal entrou pela porta aberta do jardim, mexendo sem jeito as

pernas, um pouco desajeitado, feliz por ninguém o maltratar. Quando Saramago apareceu a anunciar que tinha recebido o Prémio Camões, soubemos, soubemo-lo nesse instante, que o cão que tinha encontrado a sua casa não ia ter outro nome que o do grande poeta português. E assim, pelo menos em Lanzarote, Camões foi mencionado centenas de vezes por dia, foi vida e foi homenagem. E este cão doce e nobre, que nunca aprendeu a comer devagar porque até chegar à Casa tinha tido que lutar contra a fome e o abandono, com a sua gravata branca desenhada no pelo negro, que foi o modelo para “O Achado” d’ *A Caverna*, um cão que, como todos os

cães que Saramago inventa, é a melhor resposta animal à melhor consciência humana, morreu com todos os seus anos e sempre amado.

Quando o cão chamado Camões regressou a casa depois da morte de José Saramago, não conseguiu aceitar a ausência. Esteve inquieto durante o dia, mas quando chegou a noite e não viu o dono nem na cama nem no sofá que ocupava habitualmente, quando uma e mil vezes percorreu o espaço entre os dois quartos, quando percebeu que o dono já não estava nem ia estar, que isso é a morte, uivou, gritou, rasgou-se numa dor que arranha a alma só de descrevê-la. Não bastaram abraços para consolá-lo, nem palavras carinhosas: ia e vinha de um lugar para outro,



numa correria que partia o coração, gemia com uma dor humana. Por isso, um amigo que estava lá em casa e ali passou a noite, intitulou no dia seguinte a sua coluna jornalística: “Camões chora por Saramago”.

Saramago já não poderá chorar por Camões, agora que morreu tão docemente como viveu, tão honestamente animal que apetece aprender com a sua forma de estar na vida. Ou talvez, sem chorar, se encontrem na sensibilidade criada que nada nem ninguém pode destruir, porque tanta vida partilhada, e em companhia tão amável, não pode perder-se. Estão por aí, em livros e memórias, em corações que não se rendem, José Saramago com os seus três cães, Pepe, Greta e Camões, pondo beleza no mundo, imortais na vivência pessoal dos que sabem ver e também sentir.

Pilar del Río

Pepe foi o primeiro cão de Saramago a morrer, em 2002, quando José Saramago se encontrava em Lisboa. Greta morreu três anos depois. Camões, o único que sobreviveu a Saramago, morreu a 2 de agosto de 2012. A morte de Camões foi notícia em jornais de todo o mundo, talvez porque Saramago soube fazer personagens literários de primeira ordem a partir de animais que, para outros, seriam simplesmente errantes e vadios.



Jorge Amado em Portugal

Exposição dedicada à recepção da obra de Jorge Amado em Portugal, no centenário do seu nascimento. Biblioteca Nacional de Portugal. Até 29 de Setembro, em Lisboa.

<http://www.bnportugal.pt/>

Jorge Amado 100 Anos

Exposição de livros, fotografias e cartas de Jorge Amado. Até 20 de Setembro, na Fundação José Saramago, Casa dos Bicos, em Lisboa.

<http://josesaramago.org/>

Tarefas Infinitas: Quando a Arte e o Livro se Ilimitam

Exposição sobre o diálogo entre a Arte e o Livro. Fundação Calouste Gulbenkian. Até 21 Outubro, em Lisboa.

<http://www.gulbenkian.pt/>

Festival de Videoarte Latino REGION 0

Mostra de vídeos representativos das tendências actuais da criação audiovisual. No Salón de Actos do Museu de Arte Contemporânea de Vigo, até 1 de Setembro. Em Vigo.

http://hoxe.vigo.org/movemonos/cultura_axenda.php?lang=gal

David Hockney: Una Visión Más Amplia

Mostra retrospectiva de paisagens do artista, no Museu Guggenheim. Até 30 de Setembro, em Bilbao.

<http://www.guggenheim-bilbao.es/>

Ciclo de Cinema: Influencias Europeas del Cine Chileno de los 60'

Todos os sábados (17h00), até ao fim de Agosto,



na Casa Museo Eduardo Frei Montalva, em Santiago do Chile.

<http://www.estoy.cl/agenda/cine/ciclo-influencias-europeas-del-cine-chileno-de-los-60>

Campo Revelado: Tierra Y Campesinos.

Exposição de fotografias de Efraín García durante a reforma agrária colombiana, entre 1960 e 1972 no Museo Nacional de Colombia. Até 25 de Novembro, em Bogotá.

<http://www.museonacional.gov.co/>



A Falecida, de Nelson Rodrigues

Em cena no Teatro do Sesi – Centro Cultural FIESP. De quinta-feira a domingo, até 2 de Dezembro, em São Paulo.

<http://www.cidadedesao Paulo.com/sp/br/gratis/3153-a-falecida>

Festival Williams-Guastavino

Festival de música em homenagem a Alberto Williams e Carlos Guastavino. Até Novembro, na sala Alberto Williams do Centro Cultural Borges, em Buenos Aires.

<http://www.cultura.gov.ar/agenda/?info=detalle&id=2820>

Máscara Ibérica

Exposição sobre a tradição da máscara ibérica. Até 30 de Setembro, no Museu del Pueblu d'Asturies, em Gijón.

<http://museos.gijon.es/page/5285-museu-del-pueblu-d-asturies>



JORGE AMADO 100 ANOS YEARS
EXPOSIÇÃO EXHIBITION 10 AGO AUG/
20 SET SEP



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

BLIMUNDA

